JJ 50 50 V. J.146FH

O CORREIO

Director-Gerente
A. R. d'Azevedo Bastos

SEMANARIO MONARCHICO

Editor
Bento d'Oliveira e Silva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Passos Manuel, 177 - 1.º — Porto
Composto e impresso na Typographia Costa Carregal, travessa Passos Manuel, 27—Porto.
Agencia em Lisboa: R. Antonio Maria Cardoso, 68-3.º.

Proprietario — JOAQUIM LEITÃO
1.º ANNO — N.º 1 — Avulso 20 rs.
Sabbado, 7 de Dezembro de 1912

ASSIGNATURAS — Portugal, Ilhas e Colonias: serie de 52 n.os 1$000 reis — Serie de 26 n.os 500 reis. Estrangeiro: (Paizes da União postal) — serie de 52 n.os 15 francos (ou 3$000 reis). Serie de 26 n.os 8 francos (ou 1$600 reis). Brazil: serie de 52 n.os 10$000 reis (moeda brasileira) Sendo a cobrança feita pelo correio, acresce 60 reis para Portugal, Ilhas e Colonias, e 50 centimos (ou 100 reis) para o estrangeiro.
ANNUNCIOS — Na secção de annuncios: 50 reis a linha. Nas outras paginas: contracto especial.

E' NOSSO AGENTE EM PARIS

O SNR.

Alvaro Pinheiro Chagas

a quem deve ser dirigida toda a correspondencia relativa a assignaturas, annuncios e collaboração do Estrangeiro

ESCRIPTORIO
DA AGENCIA DE **O CORREIO**,
EM PARIS:

26 — Rue Feydau — 26

TELEPHONE, 275—56

Endereço telegraphico: *Correio Businavis — Paris.*
Endereço postal: *Correio Business — 26 — Rue Feydau — Paris.*

SUMMARIO

— **Sombrios tempos**
— **Notas de um lisboêta** — *Um republicano historico* — por ANSELMO
— **Echos**
— **Portugal na balança da Europa**
— **Secção militar** — **A guerra nos Balkans** por S. T.
— **A Rainha Maria Pia** — *Entrevista*, por JOAQUIM LEITÃO.
— **Outros tempos.... os mesmos costumes**
— **A semana mundana**
— **A franco maçonaria e o regimen joventurco**
— **Entrevista com Róchefort** — por JOAQUIM LEITÃO
— **Chronica da Vida nacional** — por ANTONIO LANÇA
— **Carta de Paris**
— **Phantasias** — por ANSELMO

Sombrios tempos...

Quando nos tivérem demonstrado que as circunstancias geraes do paiz e as dos individuos não só não peoraram, mas beneficiaram, com o advento das actuaes instituições; que é mais prospero o nosso estado economico e financeiro; que os serviços publicos — d'administração, d'instrucção, de defesa nacional, de justiça, de fomento industrial, commercial e agricola, e todos os demais — correm melhor, baseados em leis mais perfeitas e desempenhados por um pessoal mais competente; que os dinheiros publicos são geridos com mais escrupulo; que são mais desafogadas as condições da existencia moral, material e politica dos cidadãos; que se ganha mais, que se gasta menos, que se gosa mais liberdade e que a vontade nacional intervem mais effectiva e proveitosamente no governo do Estado e no das corporações locaes — então será chegada a occasião de reflectirmos sobre os fundamentos do nosso credo monarchico.

Emquanto porém aquillo assim não fôr, e antes fôr exactamente o contrario, como é do dominio publico — entendemos mais do que do nosso direito, entendemos do nosso dever de portuguezes enfileirarmo-nos debaixo da bandeira das tradiccionaes instituições politicas da nação. Não é, como se vê, um acto de hostilidade á Republica: por ser Republica, é o que nos parece constituir um serviço ao paiz, e é ao mesmo tempo uma homenagem á logica, que só entendida ás avessas poderia levar-nos para um caminho differente d'este.

Sabemos quaes são as angustiosas condições, em que vive a imprensa em Portugal, desde a implansação do chamado regimen democratico; sabemo-nos submettidos a leis tão oppressivas, que nunca sonhou tel-as assim o nosso paiz, que não as conhecem peores os povos vivendo sob a mais franca e rigorosa autocracia; e não ignoramos que, como se isto fôsse pouco, ainda o exercicio do direito sagrado d'escrever está cercado, entre nós, de outras e mais violentas ameaças, que o mundo civilisado nunca vira pôr em pratica em epocas normaes e por systema, antes de se ter inaugurado n'este canto da peninsula o regimen, que já um dos seus chefes capitulou, evidentemente com immodestia, como o *mais avançado da Europa.*

Não nos compete a nós examinar se a Republica porventura colhe algum real beneficio d'esta situação que cria á imprensa; se lucra em se confessar incompativel com a critica jornalistica, exercida com as limitações indispensaveis e justas, mas com uma liberdade igual aquella, que se desfructa em qualquer outro paiz tão *avançado* como o nosso no caminho... das conquistas democraticas.

Quer-nos parecer que emquanto o actual regimen não se manifestar capaz de subsistir, a despeito d'uma opposição jornalistica — como tambem a despeito d'uma fiscalização parlamentar que presentemente não existe — ninguem, nem dentro nem fóra do paiz, o considerará definitivamente installado; antes o julgarão todos vivendo ainda n'um periodo revolucionario, de tanto mais (ou menos) duvidosa saida, quanto mais prolongado fôr este anormal estado de coisas.

Se porém nos não pertence a nós, adeptos d'uma outra fé politica, estudar e versar os problemas que interessam á salvação e vida da Republica, tambem, por outro lado, nos não cabe renunciar espontaneamente a um dos rarissimos direitos que as suas proprias leis nos reconhecem, tenhamos embora de o usar dentro de restricções tão abundantes e tão minuciosas, que o instrumento profissional do jornalista portuguez de hoje, não enfeudado ao louvor dos politicos dirigentes, é menos a caneta do escriptor do que a maromba dos equilibrios difficeis...

E' sombria e amargurada para a Patria a hora que atravessamos; mais sombria do que nenhuma d'aquellas que passaram, mesmo nos periodos peores da nossa historia... e talvez menos do que outros, que nos estejam sendo preparados por um Destino atroz, que encontra nos dirigentes actuais os seus mais efficazes e devotados collaboradores.

Uma onda de tristeza e de tedio — coisa peor do que todas as revoltas, na sua significação e nos seus effeitos — submerge o paiz de norte a sul. Dir-se-ia que é realmente um governo extrangeiro que nos tem subjugados — de tal fórma os seus actos, os seus processos, os seus pontos de vista, as suas intenções e o pessoal que o serve são oppostos e hostis aos costumes, ás tradicções, aos ideaes, á maneira de ver e de sentir da nossa terra e da nossa gente!...

Para não accentuarmos outras e numerosas incompatibilidades entre o modo de ser da Republica e o genio nacional, basta referirmo-nos ao facto mais frisante e escandaloso, — é o que diz respeito á situação dos prisioneiros, que enchem a trasbordar os carceres de todo o paiz.

Quando é que o sentimento portuguez hade acceitar, como coisa toleravel, que centenas e milhares de pessoas d'ambos os sexos, de todas as classes e idades, uns de todo em todo innocentes, outros porventura *culpados* d'um delicto d'opinião; uns condemnados sem provas ou com um cynico despreso das provas, outros nem sequer ainda sujeitos a esse simulacro de julgamento — estejam sofrendo nos mais lobregos carceres ou nas cellas penitenciarias, submettidos (o que não acontece em parte alguma do mundo, nem na Russia) a um regimen igual, ou peor, do que o dos mais repugnantes criminosos communs, e respondendo-se com um redobrar de crueldades e de violencias a todos os clamores de protesto, que uma justa indignação faz levantar dentro e fóra do paiz contra similhantes e tão barbaras iniquidades?

Se os politicos da situação não se encontrassem, como encontram, obcecados, uns pela paixão outros pela ignorancia, reflectiriam que — tendo havido na historia e em paizes varios, alguns periodos caracterisados pelo emprego de taes processos de governo — nunca todavia poderam subsistir os regimens que os teem adoptado; muito menos em Portugal, visto que felizmente a nossa raça tem exigencias de sensibilidade, que não comportam similhantes horrores.

Possamos nós n'estas columnas, se não chamar os governantes á consciencia dos seus deveres — que seria a dos seus proprios interesses bem entendidos — ao menos interpretar e exprimir o sentimento publico, em face das desgraçadas e tristes coisas que no paiz occorrem, desde o estabelecimento da nova ordem — *ordem!...* — politica,

Notas de um Lisboeta

Um republicano historico

S. Ex. n'esse dia recolhêra a casa ainda mais preoccupado que de costume, e o seu rosto franzido, emquanto em silencio a familia comia a sopa, denunciava uma inquietação crescente.

Alguma cousa de grave se passára ou alguma cousa de mau S. Ex. esperava, pois quando, nas alturas do cosido, bateram á porta foi, em voz angustiada, com uma forte anciedade no olhar, que perguntou alto para a creada, ainda em meio do corredor, a caminho da escada:

— Quem é, Maria?... Quem é?

E como a creada, dando ainda a volta á chave, não respondesse, S. Ex.ª insistiu, mais ancioso, com a voz mais tremula:

— Então, Maria... não ouve?... Quem é?...

Por fim, lá do corredor, de junto á porta, a rapariga respondeu:

— E o rapaz da tenda, senhor...

Foi um suspiro de allivio em volta, nos que não comprehendiam bem aquella anciedade, aquella angustia, mas que bem sabiam não haver um momento de tranquilidade para ninguem nos tempos que iam correndo, cheios de sobresaltos e de surprezas, tempos em que os boatos terroristas pululavam, e em que a cada momento se sabia que fora preso Fulano, com quem na vespera ainda se estivera despreocupadamente, ou que, a uma esquina, um grupo ululante e feroz, matára Sicrano, que pouco antes se vira passar, pujante de vida e vibrante de mocidade.

A creada passara a servir o a[illegible], grave e séria tambem, em meio d'aquella athmosphera de inquietação, andando nos bicos dos pés, como receando quebrar o silencio pesado que pairava sobre as pessoas e as coisas. De subito ouviu-se um suspiro, e uma voz feminina, entre impaciente e inquieta, murmurou:

— Oh!... meu Deus!... maldita politica!...

S. Ex.ª suspendeu a meio o garfo, em que espetára um batata, e, num suspiro tambem, concordou...

— Maldita!...

— Não ha um momento de socego... nunca se sabe o que nos espera! volveu a voz feminina, n'um desalento.

Houve um novo silencio, que S. Ex.ª ao fim de algum tempo interrompeu, para assegurar em voz pouco firme:

— Não... Não ha-de haver novidade.

E num estremecimento, num sobresalto, — porque lá fora, n'um predio visinho, batiam duas pancadas fortes, que ressoaram no silencio da rua deserta, — S. Ex.ª repetiu:

— Não... Não hade haver novidade.

— Quando acabará isto, meu Deus! quasi soluçou a voz femenina, n'uma expressão de cansaço e de soffrimento.

O jantar continuára monotono e silencioso, emquanto a creada cochichava lá dentro com a cosinheira, esperando que os senhores terminassem a sobremeza.

— Traga o café, Ma... começára S. Ex.ª, quando o ruido de um automovel enfiando pela rua e parando á porta do predio, o fez estacar, mais ancioso de novo, novamente mais angustiado.

— Vá ver quem é, Maria, quasi rugiu n'uma afflição tremenda a voz feminina, emquanto S. Ex.ª muito palido, muito enfiado, punha para o lado o guardanapo e affastava um pouco da meza a cadeira

A creada, á porta, perguntava para baixo, para a escada:

— Quem é?... Quem é?...

Ouviram-se passos subindo os degraus. Depois uma voz de homem disse qualquer cousa e, de repente, n'uma rajada, enfiada e trémula, a rapariga rompeu pelo corredor e surgiu na casa de jantar gaguejando:

— É a justi...ça, senhor, é a justiça!

Todos se pozeram em pé, num pavor, sem comprehender... S. Ex.ª n'um esforço afagou ligeiramente quem, num enternecido impulso, lhe lançára os braços ao pescoço, e disse com voz resignada e affectuosa:

—Não hade sêr nada... Socega!

E voltando-se para a creada accrescentou:

—Manda entrar para a sala, Maria.

Depois com um repelão no casaco, endireitando o corpo, murmurou entre dentes:

—Que diacho!... Sou monarchico, é certo, mas tambem o caso não é para tantos sustos...

E affastando brandamente quem, n'uma afflição, n'um movimento instinctivo, parecia querer retel-o, dirigiu-se deliberadamente para a sala.

Momentos afflictivos aquelles!... Momentos em que os segundos parecem horas, em que os minutos parecem dias!...

Da sala nada se ouvia atravez a porta, que S. Ex.ª fechára. No silencio da casa de jantar, todos se conservaram immoveis, como que petrificados. E os minutos foram passando... dez... vinte... De repente, no ruido de um dialogo vivo, alegre, amistoso, ouviu-se S. Ex.ª que dizia, acompanhando á porta... a justiça:

—Pois, meu caro doutor, está combinado... E diga-lhe que pode contar inteiramente commigo.

Na casa de jantar houve um suspiro de allivio, uma expressão de alegria e de desafogo n'um rosto, em que havia ao mesmo tempo, no brilho do olhar, um mixto de surpreza e de curiosidade, curiosidade alegre de quem não percebia o que se passava, mas que já via nada ser de mau.

Sentiu-se o bater da porta, que se fechava, e logo cantaram, já leves e rapidos, os passos de S. Ex.ª, que surgiu da penumbra do corredor, muito prazenteiro, muito risonho, exclamando:

Ora que patetice!... Vocês tambem com tudo se assustam!... E aquella Maria que entrou por ahi dentro a gritar que era a justiça, como se quizessem prender-me... Que disparate!

E explicou:

—Era o Antonio Macieira, o ministro da justiça...

Interrompeu-se para dizer, voltando-se para a criada:

—Não era *a* justiça... era *o ministro da* justiça... é differente. Vocemecê estava na lua!...

Depois continuou:

—Era o Antonio Macieira que vinha, da parte do Affonso Costa, convidar-me para ministro das colonias, convite que eu acceitei... E vocês já no ar, a imaginarem que vinham prender-me! Que tolice!...

E puxando a cadeira para a meza, S. Ex.ª ordenou alegremente:

—Traga o cafésinho, Maria, traga o cafésinho!

. . . . . .

E foi assim que o snr. Cerveira de Albuquerque, quando esperava ser preso como monarchico de sempre, foi feito ministro como republicano... desde os bancos da escola.

ANSELMO.

⁂

ECHOS

O nosso jornal

Não sahe tão completo como desejavamos nem em tão perfeita comformidade com o plano que traçamos, o primeiro numero d'este semanario.

As condições especiaes em que elle é feito, varias circunstancias imprevistas e as difficuldades que surgem sempre emquanto os serviços não estão regularisados, para a publicação do primeiro numero de um periodico, impediram-nos de nos apresentar-mos desde já com a vasta collaboração com que para o nosso semanario contamos, e não nos permitte publicar n'elle artigos sobre varios assumptos de importancia e de actualidade.

Já para o proximo numero esperamos ter remediadas todas as difficuldades, que á ultima hora nos surgiram, de modo a apresentar-se já o *Correio* com todas as suas secções completas e tratando desenvolvidamente todos os assumptos da maior actualidade.

No proximo numero começarêmos tambem a publicação das *Cartas de Lisboa*, secção que em todos os numeros apparecerá, escripta por um dos mais brilhantes jornalistas portugueses. Contavamos principiar a fazêl-o já n'este numero mas não nos foi possivel conseguil-o.

Amnistia

A *Lucta*, orgão do snr. Brito Camacho, realejo do snr. João de Menezes e harmonium do nosso excellente amigo, snr. Callixto, publicou, para que não houvesse duvidas, a seguinte local a respeito das declarações de chefe de unionismo sobre a questão da amnistia.

«*Nada de especulações. O snr. Brito Camacho disse que a amnistia para os condemnados e foragidos politicos ha de ser dada, mas lembrou áquelles que a pedem em gritos incessantes, que no estrangeiro, dizendo-se orgão dos realistas, se publica um jornal infame, para o qual, certamente, não fornecem capitaes os republicanos.*

Está muito bem que nós sejamos generosos; mas não será mau que os nossos adversarios nos ataquem com violencia, se isso lhes dá prazer, mas tambem com decencia.»

Tem esta local a especialidade de começar e acabar por phrases que são precisamente as que servem como commentario a ella propria.

Nada de especulações é certo... E nada de especulações sobre tudo com desgraçados que estão soffrendo nas prisões as maiores torturas, uns, victimas de ciladas indecorosas e de vinganças mesquinhas, outros, porque na lucta pelo seu ideal não sonharam usar da tactica prudente ou habilidosa, como queiram, com que o snr. Brito Camacho, antes da interrupção da Monarchia, soube escapar, elle e o seu jornal, ás suspensões que outras folhas republicanas soffrerem e á prisão que outros jornalistas republicanos suportaram, em momentos de lucta mais intensa.

Nada de especulações, diz muito bem o orgão do snr. Brito Camacho, o realejo do snr. João de Menezes, o *harmonium* do nosso excellente amigo, snr. Callixto,

Diz muito bem, mas não faz o que diz, pois especulação, e das que menos agradavelmente podem ser classificadas, é essa que a *Lucta* pretende fazer com a sua local.

Porque o que a local da *Lucta* quer dizer é muito simplesmente que ou se suspende a publicação do jornal, a que ella se refere, ou a amnistia não é dada aos prezos, isto é, ou um jornalista *se deixa ir na rêde*—como com certeza já se lembrou de dizer algum parlamentar republicano no congresso—suspendendo os seus ataques, pondo de parte as suas campanhas contra a Republica, ou os desgraçados que nas prisões soffrem as maiores inclemencias, verão prolongado o seu martirio.

E' uma especulação deploravel, especulação que faz vir a talho de foice, como resposta, o final.

Ataque a *Lucta* os monarchicos, ataque-os com violencia, se isso lhe dá prazer, mas tambem com decencia.

E a especulação que a *Lucta* inicia com a sua local é uma... uma...

O melhor é dizer que são duas.

Na Turquia

N'este mundo tudo acaba por ser esclarecido, até mesmo o snr. Nunes da Matta, que é hoje, como se sabe, um esclarecido senador.

E os seguintes trechos d'uma correspondencia de Constantinopla para o *Petit Journal* veem precisamente esclarecer um caso, que trazia intrigada muita gente:

«Os jornaes que aparecem, diz-se na correspondencia em questão, são sujeitos a uma censura rigorosa. Muitas vezes trazem columnas ou paginas em branco.»

«Mas se é perigoso escrever, ainda mais perigoso é fallar.

«Nunca a espionagem attingiu um tão alto grau.

«Calcula-se em cerca de uns cem, os jovens turcos presos nos carceres do ministerio da guerra; ignora-se a que regimem estão sujeitos, porque se lhes não permitte receber qualquer visita, nem lhes é consentida qualquer communicação com o exterior. A um dos presos foi mesmo recusado o ir ver sua mãe moribunda, de quem era o filho unico.»

Ora aqui está como se esclarece o caso estranho, que trazia intrigada tanta gente, de ser o *Mundo* um dos rarissimos jornaes da Europa, que manifestam clara sympathia pelos turcos.

E' que o snr. França Borges leu a correspondencia do *Petit Journal* e, n'aquella atrapalhação dos seus trabalhos parlamentares e jornalisticos, fez confusão e suppoz que fôra proclamada na Turquia... a Republica Portugueza.

Trata-se pois apenas d'uma confusão. Qualquer dia o *Mundo* dá pelo engano e passa a atirar-se á Turquia, como se ella fosse o partido evolucionista.

A divida fluctuante

A divida fluctuante, quando a Republica foi implantada, estava em cerca de 83 mil contos.

Em 30 de Setembro ultimo estava em 87:988 contos.

Os governos da Republica fizeram-na pois dar em dois annos e dois mezes, um pulinho de cerca de 5:000 contos.

Não é muito.

Se attendermos a que os republicanos nunca tinham estado no poder, que os adhesivos não podiam abdicar assim sem mais nem menos, das suas convicções monarchicas, que o estomago de um tubarão gasta que nem demonio... 5:000 contos de augmento, embora só na divida fluctuante, não é muito, como tambem não é muito que a circulação fiduciaria, segundo o balanço do Banco de Portugal de 30 de Outubro, tivesse passado n'esse mez de 82:082 a 82:527 contos.

Pois, que queriam os senhores?

Que se chegasse ao fim do mez e não houvesse papel para pagar os ordenados?...

Que diacho!... é preciso ponderar as cousas!

Archivando

Ao discutir-se a creação do ministerio de instrucção publica, quando se tratava do artigo II referente a pessoal novo, deu-se este ligeiro incidente, recortado do boletim parlamentar do *Seculo*, que aliás costuma engulir os episodios mais pitoresccos das sessões do Congresso:

«O sr. João de Menezes—Isto, afinal, não passa d'uma brincadeira. Estamos a divertir-nos com os dinheiros publicos, augmentando extraordinariamente as despesas. Não póde ser. Protesto contra semelhantes esbanjamentos.»

«Desenham-se pronuncios de tumulto. Os animos exaltam-se em demasia.»

«O sr. Affonso Costa—A votação prosegue ou não? Se não prosegue, saio. Estou farto de doutores!»

«O sr. João de Menezes—Hei de falar quando quizer. Lições não as peço a ninguem, nem as acceito!»

Isto vale a pena archivar, pela confissão preciosa do sr. Affonso Costa de que está farto de doutores, opinião perfeitamente conforme com a do paiz tambem, fartissimo d'elles, e para constatação de que o sr. João de Menezes, ao dizer pela primeira vez na sua vida uma cousa acertada, levou logo para baixo.

Como *debute* foi mal sucedido.

E é pena porque talvez o sr. João de Menezes tomasse gosto ás coisas acertadas.

Assim, tendo apanhado logo para baixo, não torna a cahir n'outra.

Se há!...

A *Patria*, jornal de Lisboa, que tem, no dizer da *Republica*—como delegado da sua redacção o snr. Henrique de Vasconcellos, secretario da 4.ª vara civel de Lisboa, observa conceituosamente, a proposito da uma local de certa folha republicana alludindo a qualquer caso de que a *Patria* preferia se não fallasse:

«Ha gente para tudo:—para as maiores abjecções, para as maiores torpezas.»

Se ha, conceituosa collega, se ha!...

Pois se até ha quem, tendo escripto, pouco antes de se interrompêr a Monarchia, artigos bajuladores a respeito da Familia Real, logo a seguir ao 5 de Outubro, —isto é, logo a seguir ao dia em que a Republica começou a acabar,—tenha publicado injuriosas referencias a El-Rei!...

Tem razão a *Patria*... Ha gente para tudo,—para as maiores abjecções, para as maiores torpezas.

Murmurios

O *Mundo* diz que se murmura haver alguma causa, e pergunta o quê, tratando logo de insinuar que ha conspirações e manejos monarchicos.

Ora os murmurios de que o *Mundo* falla devem ser apenas murmurios... dos estomagos, salvo seja! de varias creaturas que andam a pedir conspirações, como quem pêde pão para a bocca, porque com as conspirações mais se desenvolve a espionagem, e com a espionagem mais ganham essas creaturas, que sob o pretexto de espionarem, levam vida regalada em Paris e Londres, em Bruxellas e Madrid, inventando, falsificando e mystificando.

Quando foi da incursão da Galliza por lá foram vistas essas creaturas, espiões*bufos*, lhe chamava o *Mundo* nos tempos ominosos,—gastando á larga, e o sr. Augusto de Vasconcellos, se não fosse o segredo... diplomatico, bem poderia contar as vezes que pagou a peso de ouro as cartas, que esses espiões falsificavam e lhe iam vender, attribuindo-as a varios conspiradores.

Os murmurios pois, de que falla o *Mundo*, são os murmurios de muitas d'essas creaturas que quando não descobrem conspirações, as inventam, e quando as não descobrem nem as inventam... murmuram, porque lhes fazem falta as viagens em automovel pela provincia, e os passeios pelos *boulevards* de Paris ou pelas *calles* de Madrid.

Não deixaria de ser interessante uma investigação, minuciosa e conscenciosa de quanto tem custado ao paiz essa espionagem.

O sr. João de Menezes, que gosta de metter o nariz em toda a parte, podia muito bem mettel-o tambem n'esse assumpto... se o sr. Affonso Costa lhe não der para baixo.

Hesitação

Segundo largamente noticia o *Mundo* realisou-se em Castanheira de Pêra o casamento do snr. padre Eduardo da Silva Corrêa, prior d'aquella freguezia, com uma senhora pertencente á primeira sociedade castanheirense.

Desejavamos dar tambem noticia desenvolvida d'esse enlance, mas não o podemos fazer, porque até á hora do jornal entrar na machina não tinhamos ainda encontrado uma sahida para a hesitação em que temos estado, sobre a secção em que deve ser publicada a noticia.

Deve ser na secção elegante, visto a noiva ser da alta sociedade?

Deve ser no boletim religioso, visto o noivo ser padre?

Em que transes crueis veio pôr um jornalista o snr. prior de Castanheira de Pêra!

⁂

—Ah! doutor!... Quando cá veio disse-me que meu marido pouco tempo estaria doente...

—E então?

—E então dois dias depois o pobresinho fallecia...

—Já vê que me não enganei... Esteve doente só dois dias... Não é muito, que diacho!

⁂

PORTUGAL NA BALANÇA DA EUROPA

Muitas vezes passeiando pelo atrio do Palacio Farnese scismávamos no singular contraste entre a harmonia, o equilibrio, a solidez da maravilha architectonica de Miguel Angelo e a estatua decapitada conhecida pelo nome de—*l'homme qui marche*—que o governo francez ahi fez collocar.

Com a sua technica perfeita o mestre Rodin fez aquelle corpo humano singularmente adequado á marcha: solidamente construido, rijamente musculoso, leve no andar, seguro no passo, firme na pégada; porque o não concluiu e porque não lhe assentou sobre os hombros o vulto erguido olhando o ceu? A um corpo constituido para a vida, porque lhe não deu o cerebro?

Não sabemos se o grande esculptor quiz nessa obra symbolisar o seu proprio paiz: deveras que muita vez o pensamos. Que admiravel corpo de nação é a França! Que equilibrio na sua estructura geographica, que variedade na sua raça, que solida musculatura tão apta para a acção! Porque a vemos sempre tão desorientada oscillando a sua politica externa desde Fashoda com Hanotaux, até Tanger com Delcassé, porque na crise actual se lança pelas chancellarias como corrector d'uma paz impossivel, propondo formulas, agora o *statu quo*, logo o *desinteresse territorial*, quando a voz formidavel da ultima razão dos povos iniciou a luta decisiva contra o dominio do Crescente?

Escreveu um dia Anatole France que a Republica é a «Ausencia do Principe», do *Principio* diriamos nós do Principio da Unidade

E assim talvez *Mr. Lantaigne* o commenta no «*Orme du Mail*»: a Republica é a diversidade, e nisso é essencialmente má.

A diversidade é detestavel: o caracter do mal é ser diverso. Esse caracter manifesta-se no Governo da Republica, que mais do que qualquer outro se afasta da Unidade. É com a Unidade falta-lhe a independencia, a permanencia, o poder. Falta-lhe o conhecimento, e pode dizer-se della que não sabe o que faz.

Ainda que dure, por nosso castigo, não tem duração, pois a duração implica identidade e a Republica nunca é n'um dia o que foi na vespera. A sua fealdade, os seus vicios não lhe pertencem. Vergonhas e escandalos que afundariam um imperio, cobrem-n'a sem damno. Ella não é destructivel, é a destruição. Ella é a dispersão, é a discontinuidade, é a diversidade, é o mal...

* * *

Para que me conhecesse na historia a velha tradição nacional, ou successivos erros dos conselhos legaes da Monarchia, ir abrindo o caminho do poder á mais ignorante e incapaz das facções politicas em que o Paiz se dividia, o mesmo era que ver aproximar-se a epocha pavorosa que ia abrir em Portugal a Crise Nacional. Porque entre os perniciosos sophismas do erro revolucionario é porventura o mais nocivo ás nações aquelle que pretende ensinar ser-lhes indifferente o regimen politico, ou ser um peior ou melhor do que outro. Não ha tal. O que é verdadeiro é haver regimens *adequados* ás nações, determinados pela sua historia, justificados pela sua tradição.

E na forma monarchica encontrara o Paiz a sua independencia, como ella lhe preparou a sua acção maritima, como ella ainda o salvou nas crises diversas da nacionalidade, a da libertação da Hespanha, ou das invasões napoleonicas. A Monarchia era ainda o mais seguro esteio no embate de interesses formidaveis, que constitue hoje a politica externa. El-Rei D. Carlos, Eduardo VII e Guilherme 2.º, mostram bem como hoje o Rei é perante o mundo o defensor e o guarda dos interesses do seu Povo: tal qual a falta d'orientação na Politica externa da Republica Franceza revela nitidamente o que é a

Absence de Prince, de que fallava Anatole France.

Accresce, para nós, que a Monarchia desapparecia em Portugal n'um momento singularmente grave. Começara na politica da Gran Bretanha a desenhar-se a evolução, que ia pôr termo ao Imperialismo, realisado pela tradição conservadora; já não tinhamos o seu *esplendido isolamento*, defendido por uma incontestada e incontestavel superioridade maritima, necessitando para isso pontos estrategicos nas vias de communicação essenciaes do globo. Até agora o inicio deste Seculo tem sido marcado pelas successivas étapes dessa transformação politica. O Imperialismo conservador era aggressivo, exclusivo, sem allianças, a nossa exceptuada, que lhe dava esses pontos d'apoio necessarios á Supremacia naval. E quando o Rei Eduardo, levando para o throno um novo conceito das condições do equilibrio europeu, lançava as bases da Entente Cordiale, tinha o especial cuidado de affirmar, na sua visita a Lisboa, que a nossa situação no mundo continuava a manter-se parte integrante da politica da Gran Bretanha.

Com o desapparecimento deste Soberano quasi coincidia o impulso democratico que ia sob acção e conjuntamente ao Governo radical effectuar uma modificação completa da mentalidade Britannica. E precisamente no momento em que mais se ia carecer de quem desempenhasse o elevado cargo de Defensor e Protector dos interesses nacionaes, a Monarchia Nacional desapparecia do Paiz.

A Allemanha respondera á Entente Cordiale com a crise d'Algesiras; era o seu primeiro protesto contra a nova politica, e ia seguil-o com a luta dos armamentos navaes. Succedia-se a crise da Bosnia, e apparecia já a abstenção britannica; depois vinha Agdir, e, excepto no momento marcado pelo discurso de Lloyd George, está na memoria de todos como ainda foi reservada e prudente a attitude da Gran Bretanha; ha dias fallando nos Communs acerca da situação internacional, o Primeiro Ministro Asquith define a politica externa do seu Paiz pela «Acceitação do facto consumado»!

Quantum mutatus ab illo! Como é certo que não devemos ir procurar uma Gran Bretanha ou uma Allemanha como nos convenham, mas tal qual ellas são, e ellas se encontram entre si. A luta dos armamentos navaes, chegava porém a uma tregua: a Gran Bretanha, limita-se a manter a supremacia estricta, medida com 60% de margem; por seu lado o programma das construcções navaes allemãs baixa, de 1912 a 1918, de 4 unidades annuaes a duas e meia. E isto effectuava-se em maio ultimo, precisamente no momento em que o Barão de Marschall era nomeado embaixador da Allemanha junto do Gabinete de S. James. Canalisava-se, permita-se a expressão, e por alguns annos, a rivalidade naval; durante a crise de Agadir, a Gran Bretanha alludira por mais de uma vez á necessidade de dar sahida á expansão colonial da sua competidora. E não se oppozera a que ella lançasse os braços para a bacia do Congo. Muito se repetira que Lord Holdane na sua visita a Berlim discutira o assumpto colonial. Não seria certo, ir o Barão Marschall arrumar, com a sua provada mentira, os dois casos, do caminho de ferro de Bagdad, e do entendimento colonial?

Quando Marschall morria, quasi subitamente, tres mezes depois, deixou arrumada a questão de Bagdad; desde as convenções turco-allemãs, que tinham sido o seu ultimo acto em Constantinopla, completadas quasi logo por outras com a Russia, a Allemanha tinha afinal no Oriente a partida ganha. O jogo africano fôra iniciado, talvez em 1905, quando Mr. Kuhlmann então conselheiro da legação em Tanger, dizia ao seu collega francez, que que a Allemanha se desinteressaria de Marrocos, se obtivesse compensações no Congo. O que determinaria esta preferencia? Os desenganos de Txingtan tinham-n'a desviado das colonias asiaticas, e por outro lado não via interesse em se encontrar com o Japão. Procurando igualmente conseguir que a Gran Bretanha não tivesse objecções pessoaes e directas, restava a Africa equatorial. Não temos aqui que mostrar como os erros da administração colonial franceza e a fraqueza da sua diplomacia tinham consentido a occupação allemã, de cerca de tres milhões d'hectares no Congo francez, tornando essa colonia um prolongamento dos Camarões; simplesmente sabemos que o accesso á bacia do Congo lhe foi formalmente concedido pelo tratado de 4 de novembro do anno findo.

Mas a França teve ainda Marrocos em compensação. Onde a teremos nós? Logo de entrada cedia-se ao que um delicado euphemismo chamou os *legitimos direitos da Allemanha* em relação ao limite sul da Provincia d'Angola. Depois vem a doutrina das facilidades economicas, da porta aberta ao estrangeiro. E preparou-se a concessão da Provincia d'Angola, toda, a uma Companhia com direitos de Soberania; agora a sacra fome do oiro levava a negociar sobre o Porto e o Caminho de ferro de Lourenço Marques. Está travada uma guerra, que modificará por certo radicalmente todos os agrupamentos d'interesses, que constituem o chamado concerto das potencias O troar do canhão dos Balkans alluiu o velho edificio da diplomacia europeia.

E quando soar o ajuste de contas, a que se referia hontem o Primeiro Ministro inglez, no meio do temporal desencadeado de appetites formidaveis e d'interesses gigantescos, estará Portugal como a estatua de Rodin! Se a declaração é publica e repetida: «O Portugal novo começou em 5 d'Outubro.»

Receiamos devéras que a sua historia venha a ser consequencia de tal origem».

* *

Secção Militar

A guerra nos Balkans

E' ainda cêdo, muito cêdo mesmo, para se fazêr a historia e a critica de guerra dos Balkans, e tirar d'ella todos os ensinamentos militares, interessando os technicos.

Como em todas as campanhas, as informações telegraphicas são horrorosamente inexactas e peccam sempre pelo exagêro — e tantas vezes pela parcialidade!...

E' certo que quasi todos os grandes quotidianos europeus tem em ambos os campos adversos, correspondentes, muito d'elles verdadeiras competencias, tantos mesmo technicos d'uma rara e variada illustração.

São muito curiosos, e constituirão de futuro preciosas fontes a consultar, os relatos dos do *Daily Telegraph*, do *Reichpost*, do *Echo*, do *Matin etc.*

Mas... são elles os proprios a confessar, que ha, na actual lucta, verdadeiras lacunas, as quaes só agora e, fugindo com verdadeiros *tours de force* á inexoravel censura, vão sendo preenchidos.

Com effeito, os altos comandos belligerantes entenderam (e entenderam quanto a nós muito bem) cercear ao jornalista o mais possivel, a *liberdade de vêr* e a *liberdade de communicar.*

Ainda ha bem poucos dias, o Marquês de Segonzee, correspondente de guerra do *Echo de Paris* junto de exercito bulgaro e antigo official da cavallaria franceza, n'uma carta descrevendo uma sua entrevista em Jana, com Ratko Dimitrief, o Skobeleff bulgaro, comandante do III Exercito, contava que as primeiras palavras do general foram para lhe recomendar «prudencia e discreção»...

No campo turco, os correspondentes queixam-se de que eram verdadeiros *prisioneiros*, assidua e persistentemente vigiados e guardados, só se lhes consentindo que vissem o que convinha vêr...

Calcule-se por isto a difficuldade que hoje em dia ha para ajuizar e ajuizar com imparcialidade... Tambem é preciso têr sempre bem presente que *se está fazendo a historia dos vencedores* a qual, como é notorio... nunca é a verdadeira Historia.

Essa, só se poderá fazêr mais tarde, fria e serenamente, em presença dos relatorios dos Estados Maiores, dos livros e mais publicações dos adidos militares e correspondentes de guerra.

Só então se poderá averiguar dos meritos de vencidos e vencedores, como das suas *chances*...

Só então se fará a verdadeira justiça.

A guerra actual, não pode fugir á regra. E' bom pois pôr sempre de quarentena todos os precipitados ensinamentos de *ultima hora*, e lançar-lhes, o respectivo coeficiente de correcção...

E' ainda cêdo para ajuizar.

As duas artilherias

Muito se falla desde já todavia sobre a superioridade do material Schneider-Canet, de 7,m/m5, da fabrica Creusot, sobre o canhão Krupp, 7,m/m7, m/1896 — ambos de tiro rapido.

Sabe-se mesmo que os alliados, em especial servios e bulgaros, teem feito do seu material de artilharia um magnifico uso e que se dão amplamente por satisfeitos não só com as suas qualidades balisticas, como com a sua resistencia e ainda, e sobretudo com os processos do seu emprego em combate, processos esses moldados sobre as theorias de escola franceza de Langlois e Bonnel.

O canhão Creusot é, como se sabe, uma arma extremamente offensiva, em que a sua pouca mobilidade e pequeno calibre, são amplamente compensados pela grande rapidez do tiro, pela potencia e mobilidade dos seus fogos e pela regularidade e bom funccionamente do freio recuperador.

Por sua vez, os turcos queixam-se não só da má qualidade do material Krupp, como da sua falta de resistencia e até mesmo da má confecção dos *shrapnell* e mais variedades de municiamento.

Serão totalmente justas estas recriminações? E', por ora, difícil asseverar que o sejam ou não.

Admittamos que o canhão da fabrica de Essen é inferior ao francez em precisão e velocidade de tiro, na inferioridade do seu freio recuperador etc. Admitamos tambem que os processos de combate da escola allmã são inferiores, aos preconisados pelos tacticos francezes.

Será todavia a differença *tão grande*, que justifique o completo esmagamento de um dos beligerantes?! Ou teremos de ir encontrar a inferioridade da artilharia turca á má qualidade dos seus apontadores, á má organisação do serviço de reabastecimento de munições, á falta de intelligente emprêgo da artilharia no combate?

Como poderia a artilharia turca responder dignamente ás *rafales* das baterias inimigas, como poderia ella obter a superioridade esmagadora do fogo — se a dotação em munições era insignificante e se uma vez estas consumidas, o reabastecimento não se fazia?

O que é facto é que o proprio general Ratko Dimitrief indica, *como muito preciso*, o fogo da artilharia inimiga, em Lule-Burgas, «*de modo até a parecer executado por mãos estrangeiras.*»

Talvez alemãs.....

A infantaria alliada, no dizêr de testemunhas presenciaes, applica os mais modernos processos de combater, utilisando-se da fortificação do campo de batalha com cuidadoso esmêro, executando os seus fogos com grande precizão e lançando-se finalmente ao assalto com irreprimivel *élan*. A ligação das três armas de combate — artilharia, cavallaria e infantaria — tem sido absolutamente assegurada. Cada qual sabe para o que vae, o que pode esperar do apoio das outras duas e o auxilio que reciprocamente lhes deve.

No meio da *debâcle* turca, parece que só a cavallaria se tem mostrado á altura da sua missão. Os correspondentes são unanimes em considera-la *irreprochable.*

Quanto á resistencia demonstrada pelas tropas, bastará dizêr que tem havido colunas, que executam diariamente 14 horas de marcha, atravez de territorios quasi desprovidos de meios de communicação e em pessimas condições, tanto climatericas como provenientes da natureza do solo.

A bala turca, no dizêr do Dr. Savakoff, medico militar bulgaro, é menos mortifera que a dos alliados.

O soldado turco, sem duvida valente sobretudo na defensiva, atira em geral mal e tem uma pessima disciplina de fogo. O consumo de munições é portanto enorme, sem que os resultados estejam em harmonia.

Um facto curioso

Um facto curioso, já tambem comprovado na guerra recente de Tripolitana, é o seguinte: a percentagem dos ferimentos á arma branca é quasi nulla.

Em 100 mortos, 70 podem considerar-se victimas da *shrapnell* e 30 de espingarda.

Dos feridos, é menor a percentagem das granadas, porquanto estas, com os seus estilhaços e balas contidas, occasionam em geral logo a morte ou ferimento, d'onde aquella resulta.

A bala de espingarda, devido á camisa d'aço e á grande temperatura com que vae animada, torna-se anti-septica. De modo que, a não sêr que qualquer dos orgãos essenciaes á vida seja attingido, ha todas as probabilidades de salvamento sem que o ferido fique inutilisado.

São observações estas devidas ao Dr. Lacompe, medico francez, actualmente em serviço nos hospitaes de Constantinopla.

S. T.

Os que desappareceram

A RAINHA MARIA PIA

A sua vida no exilio — Como se referia aos que em Portugal se sacrificavam — A sua morte

D. Luiz esteve agonisante durante dias.

O Paiz dava-o já por morto; dizia-se que ocultavam o passamento.

No aposento real, ao remate da longa agonia, conta-se que só trez pessoas assistiram: encostado aos pés do leito, o presidente de ministros conselheiro José Luciano de Castro; ao lado direito do moribundo a Rainha; ao lado esquerdo o Principe Herdeiro.

Sobre a rála da agonia, ouvia-se o ruido da baixella e de vozes. Era a Côrte, conta-se, que, acostumada ao cheiro da morte, jantava descançadamente, suppondo que o monarcha esperaria a hora do café, para então expirar.

N'isto, um estertor maior, o arrepanhar a dobra do lençol, uma crispação, e D. Luiz I acabava de soffrer e de reinar.

A Rainha e o Primogenito ajoelharam, orando.

Maria Pia foi a primeira a erguer-se; e tomando a mão do filho, pousou-a sobre o coração do morto, ordenou:

— Carlos! sobre o coração do teu Pae, jura que serás tão bom rei como elle foi!»

N'esse ultimo acto do seu reinado, transluz a febre d'aquella cabeça sonhando toda a vida grandes feitos para os filhos, trazendo a toda a hora á conversa os retratos do Pae e do Irmão, enlevada na historia dos Saboyas e dos Aostas.

Depois recolheu-se á Ajuda, para no reinado do filho, como no do marido, só pisar o tablado politico quando a reclamavam.

D'uma vez appelaram para Ella, como sendo quem poderia fazer as pazes entre Portugal e a Italia.

Era, senão estamos em peccado de memoria, nosso ministro dos extrangeiros Carlos Valbom (Lobo d'Avila), quando se annunciou a visita d'El-Rei D. Carlos ao Rei d'Italia.

Seria a primeira visita d'um rei catholico, depois da tomada de Roma. O povo italiano ia enlouquecendo de enthusiasmo. Fizeram-se subscripções para os festejos, as camaras municipaes de todo o paiz acorreram tambem a subsidial-os, e não havia rua onde o contemplativo azul dos céos d'Italia não fosse cortado por arcos triumphaes. Por toda a parte, palanquins, galhardêtes, — uma festa nacional.

D. Carlos partiu para Paris, com destino a Roma. Chegado a Paris, cortaram-lhe o passo pressões do Vaticano. Os dias passavam. Roma continuava a esperar o Rei de Portugal, e o Rei de Portugal em Pariz. E tanto fizeram, tanto se mexeu, que D. Carlos voltou para Portugal, sem pôr os pés em Italia.

O povo italiano, a imprensa, o mundo official, tudo protestou.

D. Maria Pia reconcilia-nos com a Italia

O ministro de Portugal, junto do Quirinal, conselheiro Mathias de Carvalho, recebeu os passaportes.

Explicações para lá, reclamações para cá, mas a Italia renitente e pouco disposta a perdoar.

Foi então que em Portugal se lembraram de que alli para a Ajuda vivia ainda uma irmã do Rei de Italia, e arogaram a fazer a paz.

Seguiu D. Maria Pia para Roma, acompanhada pelo ministro de Portugal.

O Rei Humberto, que A foi esperar, ao avistar o conselheiro Mathias de Carvalho, disse-lhe estas palavras historicas, que nos repetiu quem as ouvira:

— «Você sabe quanto eu sou seu amigo, quanto o estimei sempre; pois creia que, se não viesse acompanhado por minha Irmã, não entrava em Roma. Assim póde entrar.»

E, passando por sob os arcos triumphaes, que a Italia destinava a El-Rei, D. Carlos, pela segunda vez a Rainha Maria Pia uniu por laços d'amizade os reinos da Portugal e d'Italia.

De regresso, sepultou-se de novo nas pedras êrmas da Ajuda, renunciando a tudo menos á sua bondade, bem mal servida pela sua bolsa de viuva.

Aquella Rainha que nunca soubéra contar a moeda Portuguesa senão por contos e meios-contos — «Quanto custa isto? Um conto ou meio conto¿» — recebia agora por mez, para despezas de bolso... quatro libras! nem mais um vintem, nem mais um real.

Isso não impedia que memorial cahido na portaria fosse respondido com uma esmola. As cautelas de penhores, os pedidos para rendas de casas, as lamurias de gente na imminencia de penhora eram constantes. E como a Rainha D. Maria Pia não tivesse aprendido a dizer a palavra portuguêsa «não», o Duque de Loulé, para a defender da espéculação, ordenou que se lhe não entregassem mais memoriaes.

Houve uma tregoa. Mas, como o amor, a necessidade é engenhosa; e os necessitados, percebendo que os seus memoriaes eram sonegados, passaram a valer-se do telegrapho. Iam á estação telegraphica d'Alcantara, e directamente telegraphavam á Rainha: «*N'este momento, sigo para o Paço a entregar um memorial. Fico na portaria á espera da resposta de Vossa Magestade.*»

Desprevenido, o pessoal do Paço entregava o telegrama. A Senhora D. Maria Pia lia, e ordenava:

—«Está uma pessôa na portaria com um memorial. Vão lá ver o que é.»

Iam vêr, e trazido o memorial, a Rainha voltava-se para alguem do Serviço:

—«Ó fulano, tem ahi 5 libras? Então dê-as a esse homem, que eu no fim do mez, pago-lh'as.»

Era a conta da esmola: cinco libras. Quanto expedicionario voltava invalidado pelas febres d'Africa, e se apresentava na Ajuda, quantas vezes a Rainha repetia a ordem: «Dêem-lhe cinco libras».

Mas tanto expedicionario, tanto expedicionario appareceu, que um dia acharam que eram expedicionarios demais, e resolveram não entregar a esmola, sem os apellantes mostrarem a caderneta militar. Alguns eram effectivamente pobres soldados portuguêses, que não encontravam no seu paiz uma enxerga onde curtir as febres. O Sanatorio de Campolide, que a mesma Senhora D. Maria Pia creara para os doentes regressados do Ultramar, teve uma guerra de morte, até que fechou. Um dia um homem pediu uma esmola, evocando a qualidade de expedicionario:

—a sua caderneta?

—a minha caderneta... não a trago aqui... mas saberá V. S.ª que venho d'Africa, sim, senhor.

—Pois sem trazer a caderneta, não leva a esmola.

O homem voltou com uma caderneta que provava ter elle estado em Africa, sim, mas como degredado, a expiar um roubo.

—«Mais desgraçado é! disse a Rainha Maria Pia. Dêem-lhe cinco libras!»

E o homem lá levou os vinte e dois mil e quinhentos.

Para Ella a unidade eram cinco libras; a somma dava sempre: todos.

Uma modista levando-lhe um taboleiro do chapéos para escolher, perguntava com quaes Sua Magestade ficava; a resposta era: «Ficam todos».

Um dia visitando um armazem de modas em Paris, apontando para um angulo do estabelecimento declarou:

—«Fico com este canto todo»,—o que fez desandar pela porta fóra El-Rei D. Luiz, dizendo para o ajudante—«Vamos embora que a Rainha está doida!»

Mas pela mesma arithmetica que contava os chapéos e os *bibellots*, contava os pobres. Para Ella, pobres eram todos os que affirmavam num memorial ser pobres, e todos elles eram seus credores de cinco libras.

Á sahida d'um comicio

A' certeza com que a angustia corria para aquelle paço—que depois da Rainha Maria Pia lá viver, merecia bem o nome de Ajuda—só era comparavel a segurança com que a viuva de D. Luiz corria para o Povo. Nunca o Povo a assustou. Nas horas de peor humor collectivo, a Rainha passou por entre a multidão conscia de que não tinha um inimigo nem encontraria um desrespeitador.

Já depois do 1.º de Fevereiro, houve no Campo Pequeno um comicio republicano. A Rainha Maria Pia metteu-se n'um automovel, foi até ao Campo Pequeno, e apeou-se para passear a pé, á hora a que o comicio deitava as suas baforadas de exaltação. Nem um olhar, nem um dicto aquella multidão, adversa ás realezas, teve para offender a real moradora da Ajuda.

N'outro paiz onde a psycologia não fosse considerada um desdenhavel entretem, a Rainha Maria Pia haveria representado a força social e dymnastica, que na actual Hespanha é a Infanta Izabel. A politica e a dymnastia hespanhola conhecem-lhe a força e aproveitam-a. Em Portugal, a Rainha Maria Pia viveu entaipada nas paredes da Ajuda. De longe em longe permittiam-lhe um chá ou um jantar.

Era o tempo de Ella abrir os guarda-loiças; appareciam vidros, pratas, roupas de mêsa, como não havia em nenhuma outra côrte; a Rainha Maria Pia, com a sua fidalga linha italiana, as suas sêdas e a sua pontinha de acanhamento, que mais ajuntava á distincção natural, reinava um momento em Portugal.

Os crystaes voltavam para os escaparates, e a Rainha para os seus aposentos particulares.

Succediam-se longos mezes de viuvez. Ninguem a via. Averiguado que o Povo não dispensa idolos, caudilhos ou principes de sangue real, quem como D. Maria Pia, já sem partilhar dos ataques, que soffrem os directos representantes dos thronos, podia andar cá por fóra, a falar com o Povo, a convocal'o, a segural'o, a atrahil'o, se Ella encontrava scindidas em alas de respeito, até as multidões exaltadas dos comicios?

Mas o destino nem o seu cadaver deixou approximar do nosso Povo.

Meio seculo dobado sobre aquellas galas do 5 d'Outubro de 1862, em que naves portuguêsas trouxeram ao Tejo uma Princeza de Saboya, num dia 5 tambem de outro Outubro, tornava a filha do Rei da Sardenha para os céos d'Italia, tão affeitos a acalentar os marmores dos divinos cinzeis e as rainhas inanimadas pelos maus tractos da vida.

Ao desembarque de 1862, saudaram-a os poetas, pela lyra de Castilho:

Filha de reis heroes, de reis heroes origem
em nova Italia, os céos thrônos d'amor te erigem

Ao embarque de 1910, só teve o Povo, pela bocca dos pescadores da Ericeira, para lhe dizer: *Cá a esperamos!* Mas ella, por intermedio do jornal italiano a *Stampa*, respondeu d'ahi a mezes:

—«*Nunca mais porei o pé em Portugal, senão ao lado do meu Netto e do meu Filho*».

Forte de animo, embora trabalhada pelas amarguras, poucos mezes resistiu aos gêlos do exilio.

A Ultima Pagina

No Julho seguinte, ainda a um dia 5, terminava o seu trajecto aquella Sombra.

Ella bem dissera ao saltar da barca para o hiate: «*Adeus para sempre!*»

—Como viveu esses mezes? Conheceria emfim o que era socego, quietação, paz, os dias monotonos das velhices tranquillas?

—Não—responde amarguradamente o Snr. General Benjamim Pinto, veador de Sua Magestade e que é quem nos vae descrever os ultimos e alancedados dias da Rainha—; A Senhora D. Maria Pia não conheceu uma hora de tranquillidade. Para Ella o exilio não foi o esquecimento, que é ainda um preito aos proscriptos. Perseguiram-a, torturaram-a.

—Mas, não estava Ella sob o tecto familial, abrigada ao calor amigo dos seus, n'um palacio real?

—Sim no Palacio Real de Napoles, desde Novembro de 1910, que fixou residencia em Italia. O rei seu sobrinho destinou-lhe os grandiosos aposentos em que o proprio Victor Manuel II nascêra, quando habitados por sua augusta mãe e por seu Pae o principe herdeiro.

—É lindamente situados...?

—Olham ao sul e dominam um soberbo panorama sobre o Vesuvio, o Golpho e as ilhas que o limitam. E' o deslumbramento!

—E então?

—O que quer? O regimen dos paços reaes, em verdade bem organizado, mas tendendo á excessiva severidade do viver das praças de guerra, e pesado nas mais pequenas coisas por entraves burocraticos, não podia deixar de se ir tornando gradualmente intoleravel para quem sempre vivêra como Rainha, habituada a ver a sua vontade obedecida e respeitada.

—Além dos aposentos no palacio não tinha S. M. uma pensão?

—Sim, a Casa Real atribuiu-lhe uma pensão egual á de Sua Alteza a Princeza Clotilde, sua irmã. Para evitar que os credores a penhorassem, era a mesma Casa Real que administrava a tença, excepto o pouco deixado ao seu bolso particular. Estes receios dos credores e o verdadeiro pesadêlo de que elles levassem dissabores e complicações á politica interna, causaram a Sua Magestade muitos outros dessgostos, entre elles o de quasi impedir que de Lisboa fossem remettidas muitas coisas do seu guarda-roupa e residencias. Isto e uma penosa correspondencia com aquelles que se mostraram tão ferozes nos seus creditos, como prodigos nas sommas, magora-A profundamente e lhe não deixava um só momento de repouso.

—Não tinha convivencia, visitas?

—O seu mingoado orçamento e a má vontade manifesta, que havia nas regiões officiaes contra os portuguêses, forçavam a Rainha a quasi não ter creados seus, o que era bem contra os seus projectos e desejos. Por economia tambem raros convites fazia para jantares ou almoços, limitando-se a receber alguns portuguêses, que fôram a Napoles para A ver, ou os que por alli passavam. As mesmas damas da côrte italiana só as recebeu em Março.

—E distracções, passeios?

Com o pensamento em Portugal

—A sua vida atribulada e as saudades de Portugal tornavam-lhe de pouca distracção tanto essas visitas como os poucos passeios, aos mesmos sabidos logares. Em espectaculos, ou cousa que de longe se parecesse com divertimentos, nem queria ouvir fallar.—«*Não posso ir a espectaculos, emquanto em Portugal tantos estão soffrendo e sacrificando-se!*» dizia a Rainha.

—Seguia assim ainda a vida Portuguêsa?

—Sim senhor; e muitas vezes nos recomendava que nas nossas cartas para cá, dissessemos que Ella era sempre a mesma e que não se esquecia um instante de Portugal. Aconselhava a que pozessem de parte tantas pequenas coisas, que tanto mal fizeram á Monarchia, e contava que com firmeza e tenacidade o tempo nos havia de justificar e vir em nosso auxilio. A alma ficara-lhe em Portugal. Ali, n'aquelles esplendores napolitanos, estava apenas o definhado envolucro d'um infortunio. Era a tristeza, doirada, mas uma longa tristeza, a amargura do exilio, que o seu viver isolado mais aggravou.

—Ainda devia ser-lhe um lenitivo o ter no exilio senhoras portnguêsas, com quem conviver.

Era afinal com quem ella convivia: as pessoas do seu serviço e um pouco tambem com as familias Bellas e Sepulveda, e com a minha, que todas habitavam o palacio. O pessoal menor do serviço era bem reduzido.

O superior, a que se evitara o mais possivel, dar o nome de côrte ou casa de Sua Majestade, era constituido pelas Senhoras Marquezas de Unhão e de Bellas—que estiveram em Napoles, a primeira desde o começo até fevereiro, a segunda desde então até ao fim—, por Victor Sepulveda, que acompanhou a Rainha desde Gibraltar e a serviu, como veador, até maio, e por mim.

—V. Ex.ª esteve até ao fim?

—Estive, mas só servi o exilio da minha Ama e Rainha desde 26 de Dezembro de 1910. Quando foi da revolução estava Sua Majestade para ir de Cintra para o Estoril. Nessa manhã mandou-me prevenir pelo seu particular, de que, em consequencia dos acontecimentos de Lisboa, ficava addiada a sua ida; que ficasse eu no Estoril e Ella me mandaria depois dizer se deveria ir para Cintra. Preparei umas malas de mão e tive tudo prompto para partir á primeira voz. Ainda n'esse dia recebi segunda carta de Cintra, que me mandava esperar e confirmava a ordem da primeira. Á tarde, tinhamos já cortadas as communicações com Cintra e nada mais soubémos da Familia Real, até á noticia da triste partida da Ericeira. Poucos dias depois requeri e obtive a minha reforma, e offereci-me a Sua Magestade para A acompanhar no seu exilio, pedindo apenas uns aposentos no seu palacio ou dependencias, onde eu pudesse viver com minha familia. Tive a sua approvação, que só poude tornar-se effectiva depois da sua chegada a Napoles. Vendi então as minhas mobilias, disse adeus á minha infeliz Patria, e parti sem tenções de voltar.

O cholera em Napoles

—Tenho idea que sua Majestade se affastou de Napoles por vezes?

—A Rainha não procurava dar outras residencias ao seu infortunio. Áparte pequenos passeios nos arredores, só saiu de Napoles duas vezes: uma para ir a Roma, outra para Turim, ao seu encontro com a morte. Eu ainda A acompanhei a Roma, era junho, 1, a assistir á inauguração do monumento a Victor Manuel, seu Augusto Pae. Ninguem mais do que Ella tinha direito a um logar n'aquella imponente consagração, que glorificava a Italia Nova, na pessoa do seu primeiro Rei, inclyto chefe da Casa de Saboya. Os antigos patriotas, servidores dos Reis seu Pae e Irmão, tapetaram Roma de carinhosas attenções para a Rainha Maria Pia. Foi um breve engano á amargura, aquelles dias.

—Onde ficou alojada, durante a permanencia em Roma? No palacio dos Reis d'Italia, não?

—Nos primeiros dias no palacio da Rainha Margarida, os restantes no Quirinal. Estava hospede dos Reis d'Italia quando soube que em Napoles—onde então grassava intensamente o cholera—, se espalhara que, por causa da epidemia, Sua Majestade não voltaria tão cêdo. A Rainha Maria Pia partiu immediatamente.

—Devia ter feito impressão em Napoles a chegada de Sua Majestade.

—Nem imagina! O povo napolitano quando a viu e soube que ali ficaria todo o verão, não querendo abandonar a cidade n'aquellas horas flagelladas—, festejou-a como se acclama não uma Rainha deposta, mas uma Rainha que acaba de merecer a acclamação.

As Flores d'uma Amiga

—Os Reis de Italia nunca foram a Napoles?

—Sim, senhor. Apezar do seu modesto e alanceado viver, a Napoles a foram visitar não só o Rei e a Rainha de Italia, como a Rainha Margarida, a Rainha Alexandra, de Inglaterra e, com mais frequencia o Duque e Duqueza de Aosta, que domoravam no circumvisinho arrabalde Capadimonte. Mas de todas, de todas a mais assidua visita eram as flôres, que a Rainha Helena mandava para afestoar a sua escuridade.

—Mimos de amiga!

—E tão amiga, tão ligado o coração da Rainha d'Italia andava ao coração da Senhora D. Maria Pia, que a Rainha Helena quiz que os aposentos de Napoles fossem directamente ligados ao Quirinal. E para isso mandou installar no guarda-roupa da Rainha Maria Pia um telephone, que lhe dava diarias noticias.

—Teve ao menos na desgraça a amizade certa da Rainha Margarida, as delicadezas da Rainha Helena, e uma irmã, cuja morte, é certo, devia ter apressado a da Senhora D. Maria Pia.

—Apressou, porque tanto moralmente como physicamente a doença e morte da Princeza Clotilde abalou muito a Rainha. Foi o que a levou a Turim, um mez depois da viagem a Roma. Apezar de não ter outro veador, não quiz que eu a acompanhasse áquella fadigosa e commovente prova, poupando a essa dura hora a minha precaria saude. Tambem a minha má saude me não consentiu sahir de Napoles, a prestar-lhe as derradeiras vassalagens da minha dedicação e reconhecimento, desgosto este que ainda veio aggravar a enorme dôr, que me trouxe a sua perda. Quiz ir: o meu medico, Dr. Farraioli prohibiu-me formalmente a jornada.

—A Rainha só adoeceu depois da morte da Irmã?

—Só. A agonia da Princeza delongou-se tanto que em Moncalieri, sua residencia, já se respirava o perfume d'esta lenda: que as préces dos pobres e desvalidos a não deixavam morrer. Ao constante soffrimento da Senhora D. Maria Pia n'esses amargurados dias, seguiram-se grandes cançassos e tensão nervosa.

A morte da Rainha

—Quem A vellava?

—A Rainha Margarida e a Marqueza de Bellas. O medico era uma summidade experimentada, o Dr. Quirico, facultativo do Rei de Italia, e que por mais d'uma vez tratara a Senhora D. Maria Pia. A mesma carta, que me dava a noticia de que a Rainha acamára, a 1 de Julho, com uma ponta de febre, informava que o Dr. Quirico diagnosticára um simples atáque de figado, sem outros sumptomas Desgraçadamente sobrevieram complicações renaes e cardiacas, e o mal progrediu, de modo a não deixar esperança nenhuma. A 5 de Julho, quinto dia da doença, a Rainha entrava na agonia. Ás três horas e quinze minutos, nos mesmos aposentos do Castello de Stupinigi, onde mais d'uma vez a Rainha Maria Pia se alojára, hospede da Rainha Margarida, ouviu-se um chôro convulso de todos quantos lhe rodeavam o leito: As Rainhas Helena e Amelia, e o Senhor Infante D. Affonso. Era a primeira vez que junto de D. Maria Pia alguem chorava, sem que Ella tambem chorasse. A Rainha Maria Pia morrêra. A Senhora D. Amelia foi affastada do aposento, quasi desmaiada; o Senhor D. Affonso, depois d'uns momentos de recolhimento, debruçou-se no leito, beijou a fronte da Morta, e saiu tambem. Três dias depois, 8 de julho de 1911, crêdulo que a Augusta Senhora se finára de cholera, todo o povo de Turim ajoelhava nas ruas, e o cadaver da Rainha Maria Pia subia a collina de Superga, a reposar no panthéon da Casa de Saboya.

A não morrer na sua Patria adoptiva, era justo que os fados a restituissem áquella «Casa», apenas separada de Turim, seu berço natal, pelo Pó, cujas aguas correm das montanhas, donde desceu á planura italiana a sua nobre estirpe.

Não ha bom somno em cama emprestada, nem boa cova, aberta em terra que não seja nossa.

JOAQUIM LEITÃO.

ALVARO PINHEIRO CHAGAS (Anselmo)

NOTAS D'UM LISBOETA

2 bellos volumes

Preço 1$200 reis

A' venda nas principaes livrarias

Outros tempos... os mesmos costumes

Ahi por 1872 os estaleiros inglezes acabavam a construcção de duas lanchas, para o estado português.

A *Tête* e a *Sêna* eram dois madeiros, nados para a facil vida d'um rio, o Zambeze.

Com uma simplicidade de leigos, as estações officiaes annunciaram aos armadores, que marinheiros portuguêses iriam buscar as lanchas a Inglaterra, e de lá as levariam ao Zambeze.

Os constructores advertiram Lisboa que as lanchas construidas para o rio Zambeze não tinham pernas para caminhar por oceanos, e propunham desmontal-as, carregal-as n'um vapor até á Africa Portuguêsa, e uma vez lá se apparelhariam para lançar ao rio.

O ministro da marinha pediu o orçamento do transporte. Pareceu-lhe muito dinheiro e, recusou a proposta, contando que sempre encontraria dois officiaes de marinha que quizessam morrer d'uma maneira original, levando as lanchas ao Zambeze.

Um 2.º tenente da Armada se apresentou e offerceu para levar uma das lanchas, com estas condições: acésso ao posto immediato, o dôbro dos vencimentos durante a viagem, e uma pensão de sangue para a familia, no caso de ficar pelo caminho.

E, com arreganho, atirou este cartél:

—«Ponto está que haja outro official.» para levar a outra lancha!»

Dias depois, Andrade Córvo recebia no ministerio, outro 2.º tenente da Armada, que lhe dizia:

—Sabendo que o governo tem duas lanchas para irem para o Zambeze, venho

offerecer-me a V. Ex.ª para levar uma d'ellas.

—E quaes são as suas condições?

—Condições?!

—Sim, quaes são as suas condições?

—Nenhumas! Então isto não é um serviço da arma, como outro qualquer?...

—Em todo o caso é um serviço arriscado, as lanchas não foram feitas, para o mar, vae expôr a sua vida... veja lá!

—Desde que assentei praça, obrigueime a arriscar a vida. Eu não tenho condições a fixar. Só quero aquillo a que tenho direito: a ajuda de custo para comedorias, como embarcado.

—Mais nada?, insistiu Andrade Côrvo.

—Nada mais.

Este official que não pedia condições, chamava-se João Monteiro Pinto da Fonseca Vaz., que morreu ha 16 annos, addido naval em Londres.

O outro que pedia acêsso de posto, e pensão de sangue, éra... o sr. Ferreira do Amaral.

* *

A SEMANA MUNDANA

Notas rapidas

«*Está bem assim...*» condescendeu prazenteiro o director d'este jornal, passeando um olhar meio divertido pela nossa toilette, um pouco *nova* talvez, um pouco impeccavel de mais, desde o verniz insolente dos sapatos acabados de comprar até às luvas fortes e caras, ainda ligeiramente tocadas do pó, que na loja lhes haviam introduzido. «*Está bem assim; e agora bonne chance, meu amigo. Terá que dedicar em cada numero umas dezenas de linhas às nossas leitoras; trate de as distrahir o melhor que possa e como melhor entender.*»

Um pouco commovido, sentindo já sobre nós o peso d'uma responsabilidade que começava, descemos vagarosamente as escadas, segurando melhor o monoculo que, teimosamente, toda essa manhã procurára deslisar da palpebra ainda pouco affeita.

Lá fóra, um dia triste de hinverno embaciava as vitrines e começava a abrir guarda-chuvas sobre uma ou outra toilette de mulher bonita, que passava. Um garôto ia apregoando jornaes, lamentavelmente; e, lá mais em cima, ao alto, Luiz de Camões, apaixonado e poeta, coroado de louros, tentava aborrecidissimo eximir-se à chuva, estendendo a sua longa espada e franzindo arrepiado um olho.

«Vá-se lá com este tempo conversar com senhôras», resmungámos; «mandam-nos passear com certesa»...

E, muito naturalmente, eis-vos a evocar, Chiado acima, a melancholica paz d'algum velho palacio de Lisbôa onde, na carinhosa decoração de qualquer sala intima algumas leitoras nossas a essa hora tomariam chá emquanto, ellas proprias influenciadas pelo tempo triste, deixariam irresistivelmente deslisar a palestra para as amigas dispersas sob o céu do exilio, e para o tôrvo ambiente das prisões.

Mas, precedida d'uma forte rajada, uma batega d'agua cahe violentamente varrendo na enxurrada os homens e as coisas.

E no portal onde nos recolhemos transidos, uma senhôra ricamente vestida olha anciosa as botas molhadas e pergunta n'uma angustia, à amiga que a acompanha:

—«As Pires, apezar do tempo, sempre irão ao Republica esta noite?»

Aspectos

O PAÇO DE BELÉM

A esta luz melancolica do poente, que a idade nos vae dando, olhámos, um dia d'estes, para o Paço de Belém, onde resistem ainda umas poucas das pedras que D. João V, por duzentos mil cruzados, comprou aos condes de Aveiras.

E, pelo sumptuoso parque, a que a antiga quinta do conde de S. Lourenço prolongou as aleas, vimos o Rei Luiz passear a Rainha Maria Pia, até afugentar os desassocêgos nervosos, que a mudaram da Ajuda.

A' varanda grande assomou depois, a receber as menagens das tropas da parada, Izabel II de Hespanha, dois annos antes da revolução de Cadiz.

Com a mesma comitiva que levára ao Oriente, aloja-se depois no pousadouro real, ao retorno da sua viagem á India, o Principe de Galles. A Ajuda festejou-o, dansou em sua honra, preparou-lhe a carinhosa surpreza de resumir, com os pinceis scenographicos de Rambois e Demétrio Cinnati, o palacio de Windsor no panno do fundo d'uma das salas, mas a casa do Arbitro das Elegancias, o tecto do futuro Arbitro da Paz foi, nos seus dias de Lisboa, o Paço de Belém.

No anno da inauguração do Museu das Janellas Verdes, com a presença do Rei que abriu a Restauração hespanhola, pousou em Belém Afonso XII.

Mezes, annos, os portais cerraram um mistério de palacio encantado. Um dia, um principe corajoso mandou abrir as portas, accender o gaz, servir o jantar, e Lisboa vê, com pasmo, que no casarão não andam almas penadas mas principes apaixonados, que vão para lá noivar.

E' uma idade aurea para o pobre Paço de Belém, decahido de moradia de verão dos reis a mero quarto de hospedes.

O Principe Real D. Carlos e a Princeza Amelia de Orleans ensaiam torneios no soberbo picadeiro, que a regencia de D. João VI encommendára a Azzoline, e recebem nos seus salões os poetas, os romancistas, os oradores, os artistas.

Ninho feliz de dois principes, o Paço de Belém é tambem cenáculo, o salão mais frequentado pelos *Vencidos da Vida*.

E' 1896.

Reis de Portugal: D. Carlos I e a Senhora D. Amelia.

Mousinho d'Albuquerque dá a sua carga de cavallaria no pesadêlo que pairáva sobre o nosso sonho colonial. Os officiais da arma offerecem-lhe um banquête: vejo alegrar o Paço de Belém, povoa-lo de gloria e de esperança o *pannache* de Mousinho.

O reinado de D. Carlos I é visitado pela Europa.

Vem ahi o Rei Eduardo VII. E' a primeira viagem official do imperador das Indias. O Paço de Belém remobilia-se: sala de jantar, salões, annexos guarnece-os a marcenaria ingleza, mas os aposentos particulares são pequenos para as preciosidades do mobiliario antigo.

A sala das Bicas é murada de bufêtes e contadores.

Afinal Eduardo VII alojado nas Necessidades, não dorme no leito de D. Pedro V, e quem eu vejo no Paço de Belém é Affonso XIII, é o Kaiser,—a aguia imperial *pannaches*, sequitos, tinires d'espadins, alabardas, chamarradas d'oiro, pedaços de historia contemporanea, que veem pintar-se nos azulejos dum palacio real portuguez.

E' Portugal que ressurge para os seus sonhos coloniaes, que torna a andar de braço dado com a gloria, e vae tratar por tu, como mais velho, os reis da Europa.

N'isto, ouço a «Portuguêsa», e vejo entrar no Paço de Belem o snr. Manuel de Arriaga.

* *

A franco maçonaria e o regimen joven-turco

Cremos que a Revolução portugueza foi a primeira, declarada publicamente obra sua pela maçonaria; parece que os obreiros da Revolução internacional julgavam o teu trabalho bastante adiantado, para não recearem apparecer á luz.

Logo a 9 d'outubro, bem curtos dias da proclamação da Republica, o snr. Magalhães Lima dirigia de Paris a Ettore Ferrari, gran-mestre da maçonaria italiana, um telegramma, e então jâlli publicado em toda a Imprensa e onde classificou o movimento revolucionario, como *um novo triumpho para a franc-maçonaria universal*. No dia 28 do mesmo mez, repetia analogas afirmações em uma conferencia realisada no Boulevard Sébastopol, sob a presidencia do bem conhecido general Peigné, o das *fiche*, Gran-Mestre da Grande Loja de França do rito escocez, que felicitou o seu irmão lusitano em nome da Maçonaria Universal; do mesmo modo o deputado Rouanet lhe dirigiu analogos encomios, da parte dos franc mações francezes.

Pela mesma epocha, um dos chefes da maçonaria italiana, o deputado republicano Barzilai, declarava a um redactor do *Secolo* que *a Revolução Portugueza, como a dos Jovens Turcos, fora sobretudo obra maçonica*.

De facto, quando o regimen chamado *joven-turco* alcançára o poder, muita gente observará o trabalho das juntas revolucionarias secretas, que tinham concentrado a sua propaganda nas classes impropriamente chamadas intellectuaes e sobretudo nos quadros do exercito. Notou-se, que os principaes membros dessas Juntas, cujos nomes vieram a publico depois da victoria, eram quasi todos maçons, filiados nas lojas de Constantinopla, Salonica ou Paris; e viu-se então que os mais notaveis, entre esses chefes, eram judeus.

Bem poucos ou quasi nenhuns foram aquelles que d'ahi tiraram as conclusões logicas, antes se preferiu ver no movimento uma resposta da diplomacia britannica ao seu socio allemão, cada vez mais affirmado no Imperio de Abdul Hamid.

Cremos que ia nisto mais de tradição historica, do que de verdade na occasião. E' certo que Canning em 1826 alludira n'um discurso celebre ao mysterioso poder, que a maçonaria punha nas mãos da Inglaterra, para accionar os diversos paizes. De origem britannica indubitavel, a maçonaria, protestante e monarchica na sua terra de origem, até ha bem pouco tempo, transformou-se no continente em anti-catholica e anti-monarchica. Mas o *Foreign office* dos nossos dias só tem de commum o nome com o das grandes epochas da politica britannica; nem um só dos seus titulares, desde o Congresso de Berlim, percebeu como Bismark os ludibriara repetindo que a questão do Oriente não valia os ossos de um granadeiro da Pomerania. E nem um só viu o perigo allemão ameaçar de então para cá, não tanto directamente Constantinopla, mas açambarcar o dominio economico na Asia Menor e atacar de flanco o Imperio das Indias. Foi preciso o Caminho de ferro de Bagdad para lhes abrir os olhos, mas a pericia diplomatica de Sir Nicholas Oconor procurou debalde lutar contra a influencia alleman, sendo, o Barão de Marschall quem ganhou a partida.

Lançaria então mão, o governo britannico *d'aquelle systema d'excitar desordens internas, para criar um derivativo util*, como em tempos o escrevia Lord Granville ao Conde de Stadin? A tendencia britannica, que a joven Turquia revelou de principio, explicar-se-hia em origens de tal natureza?

Não o podemos evidentemente dizer. Mas o que é certo é que as reclamações em Londres da embaixada Ottomana contra a liberdade, que ahi tinham os jovens turcos maçons, para preparar a revolução, não foram nunca attendidas.

E' deveras muito curiosa a origem das lojas maçonicas turcas. As duas principaes, donde sahiu a Revolução, a *Macedonia risorta*, e a *Labor et Lux* dependiam do Grande Oriente italiano; a primeira fora fundada em Salonica pelo judeu hespanhol, Manuel Carasso, um dos membros da revolução. Rafik bey, um dos membros influentes da junta *União e Progresso*, afirmava a um jornalista francez terem essas duas lojas prestado relevantes serviços á causa, e ainda mais, que o Grande Oriente italiano teria obtido, em caso de necessidade, a intervenção da Embaixada italiana em Constantinopla.

A influencia maçonica e judaica pronunciou-se mais, depois da tentativa abortada da contra revolução em 1909. Djávid Bey, ministro das finanças, Talaax bey, ministro do interior, e Djavid bey, director do jornal *El Tanin*, são todos maçons, e o primeiro judeu.

Esse movimento contra revolucionario, atribuido a Abdul Hamid, teve como auctores os batalhões da Guarnição de Salonica, comandados por um judeu maçon, o coronel Rengi-bey, que era logo depois de *vencido* nomeado ajudante de campo do Sultão Mahmed V; não falta pois quem diga ter sido o movimento preparado pelo Comité União e Progresso, para poder bater aquelles que pugnavam ainda pelo Sultão deposto e pela velha Turquia.

O certo é que d'então para cá as lojas, na expressão d'um jornalista inglez, *pullulam como cogumellos*. Tribunaes marciaes, julgando em sessões secretas, e compostos d'officiaes membros da junta, exilavam ou enforcavam todos os suspeitos d'adhesão ao antigo regimen, demittindo da mesma forma todos os funccionarios, que não fossem adeptos, estabelecendo em Constantinopla um verdadeiro terror. Ao mesmo tempo os judeus de Salonica faziam uma propaganda intensa a favor das lojas, mostrando ser essa a forma unica de conservar os seus logares, d'obter promoções ou os favores do regimen. E assim se percebe como o numero d'adhesões fosse quasi illimitado, como, sem procedentes possiveis, se desenvolvesse o favoritismo. Criavam-se duas classes na população, em guerra aberta e d'exterminio: os maçons, a quem tudo era permitido e a quem tudo era devido, e os outros, sem *direito moral* de viver na sua terra.

O governo, a administração, devidamente democratisados, compunham-se exclusivamente de maçons. Eram maçons, alem dos ministros que já vimos, Ghalid bey, Director da *Segurança* publica, Nejib Fazli bey, judeu, Director da Imprensa Interna, judeu tambem e maçon o chefe da Secção da Imprensa Extrangeira. Criado um Grande Oriente, foi seu chefe Talaat bey, ministro do interior, que mandava *supprimir* os jornaes que *criticassem asperamente* o governo, remetendo os directores para a cadeia.

Djavid bey, nas finanças, era judeu maçon; egualmente judeu e maçon, Nessim Russo, o seu chefe de gabinete; 90 membros da junta, maçons, dominavam a Camara, e finalmente o proprio Cheik-ul-Islam, Mussa Kiazim, maçon e dos mais intransigentes. Se o Gran vizir, Hilmi Pacha, procurava resistir a essa absorpção do seu paiz por maçons extrangeiros, desapparecia mysteriosamente. O Governo do Imperio ottomano estava de facto nas mãos de cavalheiros, que não tinham nas veias uma pinga de sangue turco ou arabe.

E julgavam-se tão apoiados pelos seus cosetarios da Europa, que perante coisa nenhuma hesitavam. A primeira prova da sua audacia foram os morticinios d'Adema, na Macedonia.

As desordens começaram a 12 d'abril de 1909; os armenios resistiram valorosamente durante quatro dias de lutas, ao fim das quaes aceitavam a tregua proposta pelas autoridades e depunham as armas, a conselho do consul britanico. No dia 23, um destacamento da guarnição d'Andrinopla, fazendo parte do corpo d'operações na Macedonia, cahia sobre a população inerme e matava duas mil pessoas á vista das autoridades. Seguiam-se na Cilicia e na Syria Setentrional espantosas carnificinas, victimando, segundo o calculo do correspondente do *Times*, para cima de dezeito mil homens e duas mil crianças. Toda esta campanha contra os armenios foi inspirada pelo jornal *Ilidal*, dirigido por um maçon da Junta União e Progresso, de nome Isban Tigri; maçons eram as autoridades, a cujas vistas se perpetavam tamanhas atrocidades. Os judeus levantinos, maçons que as defendiam, saciavam nos christãos os seus velhos odios sectarios e de raça, ao passo que suprimiam nos armenios os principaes e mais perigosos concorrentes ao trafego commercial da Asia menor; e pela mesma razão de interesses iam começar quasi logo a perseguição contra os Gregos, a boycottage dos productos hellenicos, os vexames e prepotencias de toda a ordem contra a população grega de Constantinopla, que ahi constituía a maior parte e a mais esclarecida do elemento commercial.

E assim a pouco e pouco, unicamente preocupados com os seus interesses pessoaes e com a satisfação dos seus odios e vinganças, cegos pela confiança na fraternidade maçonica, foram exaggerando a sua acção na politica internacional, pretendendo, ao que parece, a criação d'um imperio hebreu-turco, onde os judeos desempenhariam um papel predominante, e *magyarisariam* as outras raças, tal qual os magyares o fizeram na Hungria. Era uma renovação da doutrina Sionista. A campanha pan-islamica, e ultra nacionalista em apparencia, foi-se acentuando cada vez com mais intransigencia, a partir da *victoria (?)* de 1909. Eram ataques acceccessivos á França, relativos á sua situação em Tunis e na Argelia, eram as violencias das medidas contra a Italia, sobretudo depois da expulsão do maçon sul americano Gosman, que dirigia em Tripoli um jornal anti-italiano, eram ainda as acusações contra o regimen britanico no Egypto, a que não seriam talvez alheias as diversas tentativas contra Lord Kitchener.

Em breve ia começar a derrocada final, iniciada pela acção estrangeira, que a sua ausencia de politica determinára. Entrou em acção a Italia, ludibriando seus irmãos no «Templo». Como estes tinham preparádo a defeza de Tripoli, foi o que a guerra nos revelou; a final a Italia só só encontrou perante si a resistencia arabe, que a paz tão desasidadamente assignada em Ouchy por certo não fará terminar. Formára-se entretanto a alliança balkanica, inspirada e dirigida pelo alto espirito do Tsar dos Bulgaros, mas que as prepotencias, atrocidades e atropelos dos joverstturcos tinham tornado possivel. Cegaram-se elles ainda com a confiança na Europa maçonica, mas esta tinha contra si um preconceito inveterado e bem maçonico tambem—o do *pacifismo*.

Como se atreveu a alliança balkanica a ir para diante contra a vontade das chancellarias, garantes do *statu-quo*, que só por ellas, signatarias do tratado de Berlim, poderia ser violado? Mas no movimento nacional despertado pela alliança não havia, como objectivo senão Istambul. Tinha passado o tempo das contemporizações. E contra a vontade da Europa turco phila, a guerra rompeu irresistivel como irresistivel é a derrocada do Império, preparada e organisada pela maçonaria. E' a historia, agora, de todos os dias; é a ella que estamos assistindo. Será lição para nós?

*

Entrevista com Rochefort

Um jornalista popular—E o Magalhães Lima?—O que é a actual aza épica francêsa—O futuro da França

Eu sahia de casa de Pierre Décourcelles, e achava-me sem saber o que fazer, d'esse resto de tempo até ao almoço. Estava uma luminosa manhã portuguêsa. O que me apetecia era o *Bois*, viver, folhear algumas paginas repousadas do livro da vida. Mas os grandes homens levam tempo a conceder entrevistas. Até n'isso se parecem com as mulheres bonitas. A prudencia mandava ir preparando outra entrevista. Qual? Quem? Rochefort, talvez... Pois, está dito, vou procurar o Rochefort.

No «Botin» que encontrei á mão, e era de 1906, tomei esta morada: *Rua de Marbeau, 24*.

Tomei o *metró*, apeei-me na estação *Obligado*, atravessei a magestosa *Avenue de la Grande Armée*, enfiei pela rua Pergolèse, e toquei á campainha do 24, da *Rua Marbeau*. Uma voz de mulher feia perguntou o que eu queria.

—O snr. Rochefort?

—Aqui n'este palacio não mora nenhum sr. Rochefort.

—Mas eu li no «Botin»

—Pois não é aqui...—e a creada, feia como o engano, bateu a portinhola de metal amarello do raio e com o máu modo das mulheres feias.

No lado fronteiro da rua, um *chauffeur* limpava um automovel particular; com os bons modos de quem estava acostumado a recorrer a cicerones, pelas estradas, respondeu-me:

—O sr. Henri Rochefort morou effectivamente n'esta rua, mas não no 24. Foi alli n'aquella casa mais adeante.

—E mudou?

—Já ha muito.

—Não sabe para onde?

—Eu, não, mas ahi a porteira do N.º 15 é já antiga cá na rua, e decerto lh'o saberá dizer.

Fui ter com a porteira do N.º 15 que, da sua poltrôna, me guiou promptamente:

—O sr. Rochefort mudou para a *Avenue Bugeaud*... numero não sei, isto é, eu sei mas não estou certa. O sr. pergunta ahi adeante ao carvoeiro que elle deve saber.

—E é longe a *Avenue Bugeaud*?

—Não, senhor. É só ir até ao fim d'esta rua, voltar á direita para o *Pérgolèse*, cortar a *Avenue du Bois*, que vai dar direitinho á *Avenue Bugeaud*.

—Então, o numero, o carvoeiro diz, não é assim?

—Perfeitamente, o carvoeiro...

Dois passos mais, e do outro lado a carvoaria, com as suas talas de madeira cortadas aos boccadinhos, promptas para delicadas mãos atearem o lume dos fogões da sala. Destonava elle batatatas, ao lado de madame carvoeira, quando lhe perguntei:

—Sabe dizer-me o N.º da porta do sr. Rochefort?

Os dentes brilhantes, amestrados num sorriso de valdoso prestimo, o bom do carvoeiro, auvernhez como todos os carvoeiros de Paris, promptificou-se:

—N.º 1, *Avenue Bugeaud*. Não ha que errar: é mesmo ao lado do predio onde está uma succursal da *Société Générale*.

Já lhe havia agradecido, e voltei para traz, a perguntar:

—Conhece os habitos do sr. Rochefort? Pode dizer-me se o encontrarei agora em casa?...

—Com certeza. *(E abrindo os braços n'uma larga absolvição da minha duvida)*: Pois se elle almoça ao meio dia!...

De passo esperto, cruzei a Avenida do Bosque de Bolonha, e achei-me, conforme me predissera a decana porteira da Rua Marbeau, na *Avenue Bugeaud*.

A rua terminava logo alli, e não se via as gordas lettras de nenhuma *Société Générale:* para a esquerda corria um interminio muro.

Mesmo ao pé de mim, encarapitado num escadós, um porteiro de avental de riscado limpava a lanterna d'um portão de jardim. Acerquei-me:

—O sr. diz-me onde é aqui a *Société Générale*?

O porteiro observou-me, e eu expuz:

—É que me disseram que o sr. Rochefort morava no predio contiguo ao da *Société Générale*...

O "Pannache" de Rochefort

Assim que tal ouviu o homem desceu do escadós e veio ao passeio sorridente:

—Perfeitamente. *(E apontando com o cabo do espanador para o outro extremo da rua)*: Olhe, aquella casa da quina é a succursal da *Société Générale:* no predio de cá, o antepenultimo, mora o sr. Henri Rochefort. Na 2.ª janella do rez-do-chão lá está elle a escrever o seu artigo. Vae vêl-o ao passar, vae vêl-o a escrever... segunda janella...

E todo se sorria, á certeza de que o grande Rochefort estava alli, ao nivel do povo, ao nivel d'elle a escrever o seu artigo.

Qual será o poderoso banqueiro, o mundano illustre, a cujo domicilio o estrangeiro seja tão facil e seguramente guiado, como a casa de Rochefort?

Só esse homem, que já está no Panthéon, mas ainda escreve no seu rez-do-chão, se goza do favor de tal popularidade.

Tem 73 annos. E todavia, toda a gente, o carvoeiro, os porteiros da visinhança, e os jornaes em que collabora, tinham a certeza de que áquella hora eu iria surprehendêl-o a escrever o diario artigo.

Pensando nesse admiravel exemplo do trabalhador, labutando desde os 20 annos para sustentar a mãe e a irmã, labutando aos 73 para sustentar a gloria do jornalismo de combate, em França, assim cheguei ao predio onde ruge o leão.

Effectivamente, atravez os vidros da segunda janella, vi logo o pennacho branco do fundador da *Lanterne*. No momento, em que eu do passagem o mirei, Rochefort atirava um d'esses olhares deslumbrados, com que o escriptor remexe o cósmos, á procura da palavra que quer cravar no papel. A pêra estava decerto espetada na banca do trabalho, a especar a mascara do pamphletario. Devia estar a escrever descompostura têsa, porque o seu olhar azul era secco e terrivel, era o olhar da *Lantérne*, o olhar com que elle fulminou os que o condemnaram á Nova Caledonia.

Passei discretamente, com o remorso de ir fazer emperrar aquella penna, que ha mais de meio século tronitrôa no céo da Gasconha, illuminado por vezes com os seus relampagos, bati á porta. Um creado appareceu: «que o sr. Rochefort estava, se atrazára três quartos d'hora, n'aquella manhã, o jornal estava á espera do artigo para entrar na machina, agora não, mas de tarde decerto me recebia, que telephonasse.».

Voltei para casa almoçar, certo de que a entrevista com o grande Rochefort me daria pouco trabalho a conseguir. É uma regra: quando os homens ascendem a uma região incontestadamente superior, tornam-se mais simples, mais chãos, e são faceis.

As catacumbas do Panthèon são mais faceis de visitar do que as cinzas do fôrno crematorio do *Père Lachaise*, onde acaba a pelle da Burgezia e o ôsso do soberano Povo.

Sobre o almoço telephonei, e tive a immediata resposta:

—Hoje, ás 5 horas.

Pontualissimamente, como manda a boa educação e o jornalismo, lá estava.

Fui dar com o pamphletario, assentado n'uma larga poltróna de marroquim, côr de cereja, no seu quarto de trabalho, separado da classica janella, apenas pela mêsa, aonde a França o vê escrever todas as manhãs o seu artigo. Tinha na frente um velador antigo, pequenino, onde haviam ficado as pedras d'uma partida de dominió, que eu fôra interromper.

Lembro-me vagamente de que pela minha retina perpassaram lombadas de livros, a mêsa de trabalho, com entalhes de cobre—a forja de Vulcano—, talvez quadros, talvez obras d'arte, mas a dizer a verdade, não me lembro bem de nada. De nitido, de preciso, só sei que fui introduzido n'uma salla de visitas, que sem me darem tempo a ler o titulo d'um livro pousado sobre a mêsa do centro, me passaram ao gabinete de trabalho do dragão, peça pequena, donde o talento e a sinceridade, comprimidos, partem diariamente com o estampido da bala enrolada no canhão.

Recordo-me ainda que essas duas sallas eram divididas por portas envidraçadas, e depois... depois, encontro-me deante d'um pennacho branco, uma pêra pamphletaria, um olhar com todos os azues da bondade e todas as cinzas da cólera.

É Rochefort.

A figura sobrepuja as preciosidades que deve de haver pelo scenario.

Na cadeira que o parceiro do dominó deixára vaga, me installo eu; e o dialogo decorre com simplicidade e abundancia. Primeiro é Rochefort quem nos entrevista.

Rochefort e D. Pedro II

Quer noticias da Republica Portuguêsa. Conheceu republicanos hespanhoes, o Zorrilla—«quasi conspiramos juntos»!—e portuguêses, refugiados em Paris; é amigo de Magalhães Lima, e pergunta:

—Porque é que Magalhães de Lima não teve até agora um *rang* na republica, tendo tido um *rôle*?

—Consta que lhe teem feito miserias.

—Mas porque? Não tem elle influencias, boas relações no estrangeiro?

—Talvez por isso mesmo. Uma situação official consagraria o homem, já relaccionado como propagandista...

—Ah! percebo: ciumes, a invejasinha!...

E n'uma pressa de novidades:

—Que influencia teve a Republica Brazileira na proclamação da Republica em Portugal? Eu pergunto isto, porque em tempos conheci republicanos brazileiros. Tinha estado com o Imperador Pedro II, jantado com elle em casa de Victor Hugo. Pouco tempo depois, fui procurado por jovens brazileiros que me annunciaram a revolução assim: «Nós vamos fazer a republica, no Brazil». «Mas isso é muito difficil» disse-lhes eu. «Não é tal. É até muito facil. O Imperador quasi nunca lá está, abandona os interesses do Estado, não se importa com aquillo para nada, além d'isso, debaixo d'aquella capa de bonacheirão é um déspota, nós estamos fartos, elle é impopular, e nós vamos depôl-o». Mezes depois, republica proclamada no Brazil! Ora, povos irmãos, antiga metropole, colonia poderosa, etc., tudo isto podia ter levado os brazileiros a collaborarem na revolução portuguêsa, e por isso lhe fiz esta pergunta.

—Se teve influencia directa, activa, não sei. É natural que a maçonaria trabalhasse d'accordo. Que os brazileiros não ignoravam a iminencia da tentativa republicana, parece averiguado. Quando rebentou a revolta estava no Tejo o navio brazileiro *S. Paulo*, levando para o Rio o Marechal Hermes da Fonseca que tinha vindo á Europa, já presidente eleito...

—Lembro-me perfeitamente! Jantei com elle em casa de madame Edmond Adam.

—E que lhe pareceu o Marechal?

—Um sujeito que queria falar francês...

—Pois o «S. Paulo» parece ter manifestado demasiada pressa no reconhecimento da victoria republicana.

—E a republica pegou? Ouço falar em restauração. Mas com o mesmo Rei D. Manoel?

—Se se fizer uma restauração, é com o mesmo Rei.

—Julguei que a incompatibilidade em 5 d'Outubro de 1910, fôsse com D. Manoel. Nós quando depuzémos os Bourbons, não estavamos incompatibilisados com a realêza, mas apenas com Carlos X, e tanto que elegêmos rei dos francêses o Luiz Filippe. Suppuz que em Portugal quizessem mudar de rei, já que denotam não querer mudar de regimen.

—E aqui em França? No horizonte politico francês, na bruma d'uma esperança, ou d'uma conspiração, não sei, esfuma-se a bandeira imperial. Que probalidades ha d'uma restauração?

—Nenhumas!

—Quem poderia ser o imperador d'essa restauração?

—O principe Victor que, casando com uma Orleans, ficou a cavallo nos dois partidos, conjugando assim todas as *chances*. Mas *chances*, apenas, de ser o eleito, se fosse possivel uma restauração monarchica em França.

—E acha-a impossivel? Eu ouço dizer que a restauração é um capitulo da Historia da França, já escripto, que falta só passar a limpo, e muita gente prophetisa por ahi: «Uma bella manhã a republica está em terra, e o imperio restaurado».

—Não creia n'isso. Para tal se dar era preciso que soffressemos uma tal derrota n'uma guerra, que a republica se incompatibilisasse comnosco. E assim mesmo isso não duraria muito. Nós somos *trop regicides!*

—Qual será então a evolução da Republica Francêsa? Qual das duas correntes levará a França: «o americanismo» deturpante e desnacionalisador, ou o resurgimento patriotico, que parece latejar na alma da França do lado de cá da fronteira do leste?

Rochefort ergueu a cabeça do espaldar da poltrôna, e com o seu olhar azul, isto é, n'um calmo e solidario estado d'alma, assim falou:

—Tem razão, ha o «americanismo» e ha o *élan* patriotico. Não é novo. Nós fomos sempre patriotas. Eu pelo menos nunca deixei de o ser, e toda a minha vida o provei. Sómente não fallávamos n'isso; diziamos entre nós—«*Se ha uma guerra, somos batidos!*», e, não queriamos pensar n'isso. Veio a aviação, que é uma gloria franchsa, e com ella as probabilidades de obter vantagens n'uma guerra futura. E d'ahi esse remigio patriotico, que o senhor observa. Patriotismo tivémol-o sempre. Esta aza épica e patriotica, d'agora é, apenas a aza da aviação. Nós somos os mesmos. O nosso desgosto é por esse parlamentarismo, que para ahi está.

O olhar de Rochefort perdeu a sua côr azul, para tomar o cinzento turvo da cólera; o penacho algodoado, que nas suas horas serenas se abate fatigado e clemente, arrebitou-se, espetou-se no ar como a ponta de uma lança que arremete.

A derrota radicalista

E sobre o parlamentarismo francês, rompeu o canhoneio d'uma d'aquellas suas syntheses de pamphletario, que ao darem no alvo abalam a terra toda. Foi, então, um ataque impiedoso, balkanico, sobre a ficção parlamentar, uma fuzilaria que durou uma hora cerrada, e para a qual nós, nem resumidamente, temos espaço.

—Está, pois, em crise a republica? Vejo-a fortemente atacada na imprensa, no theatro, na revista como na cançoneta.

—Por agora um facto tremendo se assignalou nas eleições municipaes: a morte do radicalismo.

—Que teremos, então? o socialismo?

—Não ha duvida que a França, cançada, muda a arma de hombro. Mas o socialismo? Hum!... O socialismo, não; no anarchismo não ha maneira de viver. O radicalismo gambettiano falliu,... o futuro pertence talvez ao conservantismo. A Republica Francêsa, vae, pois, talvez, tomar uma feição conservadora. Mas quem sabe as surprêsas que nos reserva o futuro, quem sabe?!...

Havia hora e meia que estavamos folheando aquella pagina da Historia da França, o mesmo receio com que se passam as folhas preciosas d'um in-folio, temendo gastar a sua veneranda vetustez, e nol-o faz pousar, cuidadosamente, fatigados tambem de tamanha responsabilidade, nos fez dar por finda a nossa entrevista.

Rochefort é ainda senhor d'uma nitidez *d'éclaireur;* se a sua voz cança ás vezes, a sua vontade subleva-a, mas nota-se o esforço.

Levantámo-nos. Rochefort, levantou-se tambem. Então foi como se uma estatua jacente, modelada já em proporções gigantescas, quando deitada, se soerguêsse do leito da allegoria.

É um monumento a andar!

Quizemos retel-o no seu quarto de trabalho. Foi tão inutil como quando o quizeram reter no exilio e elle teimou em transpôr a fronteira e entrar em Paris, a defender a sua candidatura de representante do povo; foi como quando o atiraram para a Nova Caledonia, e elle se escapou para Londres; foi como quando a tradição paterna o quiz levar para o Imperio e a educação democratica da mãe o arremessou para a barricada, para a praça publica, para os exilios, para a Historia. Ninguem o deteve. Não era eu que o conseguiria, agora, reter na sua poltrona.

—Não venha cá, já conheço o caminho. Adeus! Depois lhe mando o jornal.

—Tenho pena de não o poder ler na sua lingoa! mas eu mando-o traduzir. Que quer! Passei seis annos em Londres, e não sei uma palavra de inglês; soube alguma coisa de hespanhol, creio que o esqueci. Uma vez, queixando-me d'esta inaptidão para a polyglottia, o Victor Hugo deu-me este conselho: *O homem que tem de escrever n'uma lingoa, não deve aprender lingoas estrangeiras.* E eu segui o conselho do Hugo.

—O que não quer dizer que Victor Hugo não tivesse traduzido Schakespeare.

Rimos ambos, e eu fui d'alli direitinho comprar a *Patrie*. Tinha a minha curiosidade de ler o que aquelle principe do jornalismo parisiense estava a escrever, quando eu de manhã passára pela popular janella. É notavel esse *leader*—como a imprensa francêsa chama hoje ao artigo de fundo—de 14 de maio, findo. Dir-se-ia um artigo de *frondeur* que, por desprezo atirára fóra o fuzil e carregara sobre o adversario com o cabo da vassoura.

É o responso do radicalismo. O radicalismo, segundo Rochefort na minha entrevista e n'esse artigo, expirou no Hotel de Ville; as eleições geraes de 1914 serão a seu enterro official.

Que as multidões attentem n'este contraste dos radicaes, apoderando-se dos empregos e dos negocios publicos, com esta perpetua rebeldia de Rochefort que, ao rematar d'uma vida de luctas, de prisões, de degrêdos, de proscripções, continúa a viver da sua penna de jornalista, podendo dizer altivamente, e tendo-m'o dicto apenas com simplicidade.

—Eu nunca estive *du coté de la «mange»*

Ainda hoje, a França vê todas as manhãs, por dentro dos vidros da 2.ª janella, do lado da Patria, um insubmisso pennacho branco.

Esse *pannache* é Rochefort.

Rochefort é a França, batendo-se com imperios, fazendo face a exercitos de politicos, arreganhando o dente á força, e permittindo á Infancia o pisar a relva dos seus jardins, andando com ella ás cavalleiras.

JOAQUIM LEITÃO.

JOAQUIM LEITÃO

OS CEM DIAS FUNESTOS

Um volume de 550 paginas illustrado

Preço 1$000 reis

Á venda nas principaes livrarias

CHRONICA da Vida Nacional

Encerrou-se a prematura reunião do Congresso sem que d'ella colhesse o paiz outros fructos, a não serem o exacto conhecimento do seu estado financeiro. E que outra vantagem d'elle não adviesse, já esta foi de largo alcance,—ficar o paiz ao facto da sua exacta situação economica, para congregar esforços afim de a remediar.

Foi de pavôr a primeira sensação do chóque orçamental, para aquelles a quem se prometteu, já no anno passado, a extincção do *déficit*. Surprezos com o volume do actual, e com o pedido dos recursos necessarios para saldal-o e para extinguil-o, feriu-os a maior das decepções.

É racional que assim acontecesse. As grandes surprezas abálam-nos profundamente. Mas para todos os que a verdade orçamental há muito não illudia, a confissão, do snr. ministro das finanças, em vez de pesadêlo, foi até um allivio—primeiro, por ter apparecido o homem sincero e corajoso, a quem repugnava illudir o contribuinte; segundo, porque verdade verdade, muita gente pensava que o nosso desiquilibrio ainda fosse maior. Se fôr só isso...

O que se torna, porém, mais sério é a exigencia de novos tributos, agravando as collectas dos antigos e incluindo na alçada do fisco as creádas, os pianos, os oratorios e os aeroplanos!

Não tem o governo authoridade moral para obrigar o paiz a tanto, sem heroicamente provar que reduziu as despezas ao minimo, que applicou as receitas sevéramente, e que limpou o mar da voracidade dos tubarões... Só então poderia tornar-se exigente, mas com a maior prudencia, pois deve ponderar que as sommas necessarias teem de sahir das

forças do paiz, do commercio, da industria e da agricultura, cada vez mais definhados pelos obstáculos, com que teem a luctar, diminuida diariamente a sua actividade, na razão directa da falta dos braços dos emigrantes, que fogem, da isolação dos capitaes, em grande parte deslocados para o estrangeiro e pela crise agricola do corrente anno, obrigando-nos a drenar para os celleiros do mundo sommas de oiro, que vão e não voltam...

Recorrer aos emprestimos é impossivel, por não haver quem generosamente nos queira auxiliar, segundo a authorisada confissão do sr. ministro do Fomento, ao voltar do estrangeiro.

Acudir ao *déficit* pode ainda fazer-se, remodelando as contribuições e obrigando a pagar o que devidamente lhes compete, a muitos dos que por esse paiz alem, com avultados recursos, apenas contribuem com insignificantes parcellas para o thesouro. Não é isto um sacrificio para quem se acha n'essas circunstancias, mas um dever que os visados devem acceitar e as authoridades fiscaes cumprir, n'um regimen, em cujo código se estatue ser a lei egual para todos.

Prevemos essas difficuldades, e muito mais agóra, quando o primeiro advogado do paiz, em receita, reclama avarentamente para o Supremo Tribunal Administrativo, por o collectarem, na contribuição industrial, de reis 200.000—uma insignificancia ao pé da que pagavam Dias Ferreira, Barjona e outros.

A muitos se affigura que a veracidade do orçamento foi um proposito do ministerio para deixar o poder e facultal-o ao partido republicano (antigo democratico) que tantas aspirações tinha, desde 5 de Outubro de 1912, a governar só, para mostrar de quanto era capaz. Ao ensejo que se lhe offerece agóra, parece não corresponder elle com o enthusiasmo de outros tempos; olha para o futuro e teme ver-se enredado em responsabilidades de vulto, como muitas noivas que, ao aproximar-se a hora dos esponsaes, succumbem, quasi desfallecem e se desfazem em lagrimas, temendo perder para sempre os dias bonançosos e descuidados da casa paterna. Mas vence, afinal, o amôr ao homem escolhido e enxugando o pranto caminham sorrindo para a ventura, levadas pela mão do destino. Não terá esta coragem o partido republicano, refeito da semsaboria que acaba de lhe infligir a camara dos deputados, na eleição da meza, dando a victoria aos grupos do bloco, e pondo-o na contingencia de subir ao poder fóra das indicações constitucionaes, apenas appoiado na propaganda e na pressão dos elementos radicaes, que, sendo numerósos uos grandes centros, não representam as aspirações do geral do paiz?

Como as noivas requestadas enthusiasticamente pelos seus adoradôres... titubeará, ha de acanhar-se, mas irá levado pela sina, que todos temos de cumprir, podendo dar até uma bella dona de casa.

Muitas vezes é assim que, particularmente, se salva uma fortuna, até ahi mal administrada. D'isto precisa agora o paiz, que alem da má gerencia dos capitaes, se acha, em virtude da crise climaterica d'este anno, com as arcas vazias, os toneis mal cheios e a roupa branca no fio... Não haverá quem se disponha a tomar esse encargo? Se seis mil e duzentos contos de *déficit* são um encargo de respeito, podemos d'elle allivviar ainda o paiz, administrando-o cuidadosamente e trabalhando por valorisar tanta riqueza abandonada, como as charnécas do Alemtejo, as entranhas d'essas serras do nórte, mais de ferro que de granito, e o subsólo da parte central do paiz, que um cataclysmo remoto converteu em abundantes reservatorios de carvão. E pensemos bem—se nós o não fizermos, não nos admiremos que outros mais praticos venham fazel-o...

Passando da politica á vida individual, o que mais prececupa o paiz é termos de pagar tributos dos oratórios e dos pianos—nós os grandes sonhadôres, ainda quasi extranhos á tristeza de que tanto se falla, e que como prova do nosso enthusiasmo e alegria deixamos, há quatro séculos, juncado de guitarras o campo de Alcacer-Kibir.

Como visionarios, idealistas e romanticos causa-nos apprehensão a collecta sobre os oratorios, uma rêde que, no geral, colhe nas suas malhas nove decimas partes do paiz, pois, fóra dos grandes centros, rara é a casa que não tenha o seu oratorio, ainda que modesto, herdado dos antepassados, que n'elle deixaram concentradas a gumas parcéllas da sua fé, pelos rogos fervorozos ás imagens devotas, pedindo-lhes pela vida dos seus enfermos, pela bôa sórte dos seus filhos e para que guiassem, acobertados nas azas da bonança, os que andavam largos mezes sobre as aguas do mar, nas alterósas naus, nas frageis caravélas e nos bojudos navios mercantes. E para quem ainda não foi abandonado pela crenças, pelas recordações do lar antigo, herdado de geração em geração, as illusões do presente não se dissolvem facilmente, sem se meditar, e muito, nas recordações do passado.

Ainda nos domina a tradição da pátria e da familia, n'esses combates intimos de ambição e de amôr, em que se debateram corações apaixonados, como os da filha da casa de Marialva e de lord Beckford, e que não consegue apagar da alma simples do nosso camponez o affecto e a devoção pelos seus santos predilectos.

Decerto o thezouro não côlhe somma que se veja de tal tributo, por mais que, com applauso dos espiritos livres, o governo se mostre enérgico com os santos, invista os padres na posse das egrejas, como acaba de fazer a junta de parochia de Rio Tinto, ou que consinta uma nova interpretação ás leis, como ha dias em Villa Franca, aonde o jury criminal tirou á sorte o *veredictum* a applicar ao reu!

Esses factos isolados não nos podem converter em positivistas, pois tal methodo, por mais prégado e apregoado que seja, ainda não nos tornou notaveis, a não ser sob o aspecto revolucionario, que, sem duvida, perdeu muito de merito, pelo diminuto alcance das suas aspirações.

O passado, por mais defeitos que lhe assaquem, continuará a impôr-se pelo seu risonho idealismo, e a conservar as aspirações elevadas da raça latina, que nos tornaram, mal apagadas as trevas da idade média, fervorosos cultôres da sciencia, iniciadôres e alma das descobertas, e nautas audazes que em cada onda gravámos a posição de cada estrella, percorrendo assim todos os mares, sendo os primeiros a marcar nas nossas cartas os continentes ainda ignorados, a prever a necessidade de romper o isthmo de Suez e de cavar o de Panamá, deixando pelas costas de todos os mares, pelo interior de todos os bosques da America, India e Africa padrões, cruzes e ruinas, perante os quaes ainda hoje se descobrem reverentes, como perante as Pyramides e os capiteis de Polmyra e de Babylonia, os modernos pioneiros da civilisação.

Chegados ao periodo de decadencia, de que tanto nos teem accusado, ainda assim não se apagaram as nossas grandes aspirações, pois emquanto a Europa meditava no mais rapido meio de aperfeiçoar a guerra e de subjugar os povos sedentos de liberdade, nós alforriavamos os escrávos e atiravamos desdenhosamente a terra os madeiros da forca!

Se cahimos, depois, na fraqueza de adoptar um systema penal, peor do que a morte—fômos levados a isso pelo desejo de imitarmos os aperfeiçoamentos dos grandes criminalistas, levantando essa sombria mole da Penitenciaria, d'onde, segundo dizem os jornaes de hontem, o director acaba de pedir a remoção, para Rilhafolles, de 21 loucos, que o código penal teve a habilidade de fabricar.

Quanto melhor, em vez de pensarmos n'estes assumptos, de minima valia, não seria olharmos a serio pelas verdadeiras necessidades do paiz, que, a par da riqueza, lhe fomentariam a actividade e o progresso?

Por isso, só ao vermos nos ultimos dias desencadearem-se no nosso ceu e nas nossas costas maritimas as tempestades, é que pensámos, de novo, no desmantellamento do porto de Leixões, sem reparos dos estragos dos invernos passados, sem melhoramentos na barra e no rio Douro, que evitem os prejuizos de ha dois annos, e sem se trabalhar para que desde Vianna ao Porto, se continue a dar o nome de Costa Negra a essa continuidade da paizagem risonha do Minho, que de dia é um encanto e de noite um perigo.

Não vivamos só em sonhos e a romantizar. Trabalhemos tambem, e nas horas em que os membros lassos do continuado esforço nos debilitarem o côrpo e nos attrahirem a alma para o desanimo pela vida, abramos o ultimo livro com que uma poetisa illustre acaba de enriquecer as letras, contribuindo para retemperar os espiritos sedentos de consolação.

E, as *Canções do Meio Dia*, de D. Branca de Gonta.

A auctora não voeja em torno d'uma poesia moderna, feita de conceitos obscuros, proprios d'esta tristeza a contemporanea, de que um auctor, de nome arrevezado, já injectou alguns rapazes alegres, para se darem ares de homens caducos, imbuidos das ideias novas.

D. Branca de Gonta é uma sacerdotiza da poesia expontanea, que affiora das almas e das consciencias, sendo indubitavelmente um fluido especial das organisações privilegiadas, como a sua.

Eis um livro que se pode folhear, ao acaso. Aonde se abrir, lê-se, sem nos sentirmos com coragem de o fechar. E, no decorrer da leitura, vamos-nos sentindo alheados dos pensamentos tristes, quasi arroubados n'um mysticismo, como o quedecerto illuminava Santa Thereza de Jesus.

E explica-se esse facto pela suavidade da linguagem, pela lucidez dos conceitos, pela simplicidade dos themas e da contextura. Temos a certesa de estar em convivió intimo com um ente feliz e que possue o condão de suavisar as dôres alheias. Esta impressão mais se nos radica, ao conhecermos que não ha artificio n'aquellas paginas; desde a dedicatoria, a seu marido, até a ultima linha, todas aquellas joias litterarias são outras tantas photographias do pensamento da auctora, nos momentos em que conversa intimamente com a alma gémea da sua, em cuja companhia percorre o trilho da vida, semeando-lh'o de flôres, matizando-lh'o de pedrarias, e dizendo-lhe amorosamente.

Este ólhos que te amam a sorrir.
Continuarão amando-te a chorar...

Quanto mais se leem taes bellezas, mais encanto lhes achamos, notando-lhes apenas o defeito de serem impressas como o vulgar dos livros, em papel commum e em typo já talvez profanado por idéas menos elevantadas.

Como estas paginas mereciam ser escriptas em pergaminho, com illuminuras a ouro e carmin, eguaes as dos livros de Horas das princezas da Edade Média, devidos á paciencia dos monges solitarios, e que hoje se guardam, como thesouros, nos mais celebres bibliotheras do mundo!

ANTONIO LANÇA.

Carta de Paris

28 Novembro 912

Estamos no inverno. Faz um calor horrivel em Paris.

Parece absurdo? Pois é a verdade, a rigorosa verdade.

Em Paris, no mez d'agosto tiritava-se de frio, os pescadores da Bretanha passavam fome, as mulheres andavam de pelliças.

Agora, com o dezembro á porta, os anuncios do *Louvre*, do *Printemps* e do *Bon Marché* innundando as paredes dos estações do *metropolitano*, com as chaminés do Pae Natal carregadas de brinquêdos, agora, Deus meu! transpira-se.

Os observatoricos registam uma temperatura de seis graus em Paris. Em vão! o calor é horrivel, anda-se, vive-se, dorme-se, a um calor de tropicos.

São as bellezas da *chauffage central*.

Se nunca experimentaram, não queiram saber o que é esse horror, mettido dentro de canos, arterialisando Paris inteiro com a sua rêde de caloriferos.

Entra-se n'um barbeiro, lá estão os embirrativos *sss* cheios de fogueiras infernaes. Sae-se, e se é a um armazem de modas que se dirigem os nossos passos o mesmo calor sêcco nos persegue.

A estação postal, o restaurante, o hotel, o escriptorio, o sapateiro, o nosso quarto como a nossa escada, tudo está requentado.

Quando accorda, Paris tem os cabellos espetados, como mulher que viu lôbo ou homem que viu conta de modista.

As mesmas ruas crepitam ao calor dos motores de milhares de automoveis, e de fogões... dos vendedores de castanhas, installados pelos passeios.

As solas das nossas botas fregém sobre os zincos sobreaquecidos dos *autóbus*, e, se querendo escapar a esta perseguição do conforto, se apélla por o classico fiacre, contemporaneo do Dumas, guiado pelo pae da *Zázá*, um maldicto aquece-pés nos lembra que estamos em pleno inverno, isto é, nas caniculas parisienses.

Não ha casa sem o tal *confort-moderne*, que é o inferno encanado. E é inutil pensar em pedir a uma piscina o refrigerio d'um banho. A peschna existe—, existem mesmo muitas em Paris—, mas construida tres andares debaixo do solo, e com uma *chauffage* que assegura uma temperatura de 32.°, não á sombra mas a luz electrica. A agua é quente, o ar é quente, em terra e no de piscina passeiam Evas em *maillot*. E' o inferno, a cinco francos a entrada.

Por todo o Paris, o ar é ardente, irrespiravel, toxico.

Ha mais questões do que no verão.

Le Bargy já se zangou com a *Comedie* que o processou por elle, depois de sahir a porta da Casa de Moliere, entrar a *Porta S. Martin*, para empunhar os elevados *Flambeaux* de Hanri Bataille.

E' a falta de humidade, a que um amigo nosso assignalava em Portugal, e a que attribuia os males patrios filiaveis na falta de juizo.

O governo francês não devia escapar a esta fatalidade hygrometrica.

E, com effeito, no ministerio da guerra trabalha-se dia e noite, como se a França houvesse recebido a reedição do telegramma de 70

Millerand, o grande ressurgidor do patriotismo e do militarismo francês, vêla, mas... Poincaré foi ao norte, e parece ter trazido de lá, com o norte, uma reserva dos gêlos polares.

De sorte que, neste desconcerto europeu, a politica de Poincaré é a unica que parece não soffrer a má influencia da *chauffage central*.

E, assim, a Europa poderá com uma simples loção de violêta, amansar os cabellos espantados pela *chauffage* e pelo terror nocturno d'uma guerra europeia.

O unico receio, e esse geral, é o que percorre a espinha dos peões perante os automoveis, os *autobus*, as carroças tiradas a monstruosas horsas normandas.

Esse é o perigo, o terror, o espectro.

O jornal o *Matin* viu-se obrigado a elaborar uma estatistica de atropelamentos, perante o aterrador numero de victimas d'essa nova epidemia.

Porque, não se morrerá de cholera em Paris, como se está morrendo em Constantinopla; não se será victimado por um canhoneio prussiano, mas eu não sei se, ao saír do café onde escrêvo esta carta, chegarei com vida ao cabo do pedaço do *Faubourg Montmartre* que tenho de vencer, atravez o inextrincavel coágulo de vehiculos, para ir ao correio.

Escapar dos atropelamentos, em Paris, eis o milagre.

Circular... é apenas dado ao dinheiro, aos jornaes e aos aeroplanos.

Os que andam a pé, fazem que andam mas não andam.

Quando tentam caminhar, uma pata normanda ou uma roda macissa de *autóbus* esmigalha-o.

O mais prudente, pois, é parar...

Phantasias

Homens raros

O jury havia examinado já todas as candidaturas.

Homens raros, homens excepcionaes... genros que nunca tinham tido conflictos com as sogras; burocratas que jamais tinham adormecido sobre o papel dos officios; deputados que tinham votado contra o subsidio de 15:000 francos; fumadores que tinham conseguido accender, um a um, todos os phosphoros de uma caixa da Régie; jogadores que, se nunca tinham ganho, nunca tambem tinham perdido; viajantes do Ouest-Etat que jamais haviam tido um descarrilamento nas suas viagens; e até mesmo, ah! ceus!, um pintôr que expuzéra no Salon d'Automne uma paysagem... que parecia uma paysagem,—todo um mundo de creaturas raras passeia pela grande sala onde o jury devia decidir a quem dar o premio instituido pelo excentrico millionario americano Boston Bluff, para o individuo que tivesse feito o que jamais outrem fizesse, ou a quem jamais tivesse acontecido o que a todos habitualmente succede.

Ante tantas raridades o jury hesitava, quando o *huissier* annunciou:

—François Sérin, caixeiro.

E François Sérin entrou. Era um homem magro, de pisar cauteloso e subtil, não dando um passo sem primeiro lançar em volta olhares prescrutadores.

—Sou caixeiro dos armazens *De toutes les couleurs*, disse elle, e todos os dias atravesso a rua Royale dezenas de vezes para ir dos armazens ao annexo fronteiro. E nunca, nunca, senhor presidente, fui atropelado por qualquer automovel *autobus* ou vehiculo de outra especie... Nunca... E ha oito annos que sou caixeiro d'aquelles armazens.

Na sala houve um grito unanime de enthusiasmo. De todos os lados se gritava:

—O premio ao Sérin!... O premio ao Sérin!...

Mas n'esse momento ouviu-se uma voz que bradava:

—Alto!... que ainda falto eu.

E um *chauffeur* appareceu perante o jury.

—Eu, senhor presidente, sou *chauffeur* ha oito annos, todos os dias percorro Paris com o meu carro em todos os sentidos, dezenas de vezes por dia vejo na frente de meu automovel aquelle senhor...

E apontava François Sérin.

—...e nunca o atropellei. Mas ha mais... Nunca, senhor presidente, nunca atropellei qualquer pessoa, nunca esmaguei um cão, nunca fui de encontro a qualquer outro carro, nunca enfiei o automovel por qualquer vitrine... Nunca... E, repito, ha oito annos que sou *chauffeur*.

Na sala rebentou uma tempestade de bravos e aquelle mesmo publico que pouco antes reclamava o premio para François Sérin, vociferava agora:

—O premio ao *chauffeur!*... O premio ao *chauffeur!*

Apoz uma rapida consulta, o jury deliberou por fim dividir o premio entre aquelles dois homens excepcionaes: François Serin, o nunca atropellado, e Ernest Bénait, o jamais atropellador.

. . . . . .

N'essa noite os jornaes publicaram a seguinte noticia:

«Hoje, quando François Sérin sahia da *Salle des Raritès*, onde se realisára o concurso para o premio Boston Bluff, foi atropellado por um automovel, sendo conduzido ao hospital em estado grave. O *chauffeur*, Ernest Bénait, foi preso».

ANSELMO.

SEMANA ELEGANTE — **No proximo numero contará o "Correio„ com mais esta secção, uma das que maior interesse terá para as nossas leitoras. A absoluta falta de espaço obriga-nos a deixar para a semana o que já estava composto para hoje.**

"ADESIVOS E MAKAVENCOS,,

Chegou nova remessa d'estes magnificos bacios á casa

"AU BON MENAGE,,

81, R. de Cedofeita, 85 **Teleph. 942--PORTO**

Casa especialista no fabrico de colchões de arame, colchões de folhelho, lã, crina, e summauma.

Unica colchoaria no Porto que possue um bem montado serviço de esterilisação e desinfecção pelo vapor sob pressão.

O proprietario,
Julião D. Monteiro

V. Pinto de Faria

Commissões, Consignações e Conta propria
R. de D. Pedro, 110—2.º PORTO

Acceita representações de casas nacionaes e estrangeiras

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Augusto Gomes dos Santos

Completo sortido em louças vidros, crystaes, mulduras e outros artigos proprios para brindes

Telephone, 1139

Rua Sá da Bandeira, 195 a 199—PORTO

ALFAIATARIA

GONÇALVES, FILHO

RUA FORMOSA, 252 PORTO

Sortido completo de fazendas nacionaes e estrangeiras
Executa-se todas as obras no mister

Garante-se ser esta casa a que mais barato vende e mais barato confecciona

Rapidêz na execução de todas as encommendas

Atelier de Roupa Branca

M. d'Aguiar Leitão

Proprietaria e directora:
Marqueza Isabel d'Aguiar Leitão

Fabrica e deposito de roupa branca para homem, senhora e creança

Os mais elegantes modelos em roupa branca de senhora

(ESPECIALIDADE D'ESTA CASA)

ENXOVAES PARA CASAMENTO

ENXOVAES PARA BAPTISADO

BRINDES A TODAS AS NOIVAS

20, Praça da Batalha, 22
(Á entrada da R. de Santo Ildefonso)
PORTO

Magalhães & Moniz, L.da

LIVRARIA EDITORA

Depositarios da Imprensa Nacional

Venda de livros nacionaes e estrangeiros de ensino, arte, sciencias e lettras.

Agencia de assignaturas para todos os jornaes e publicações

Correspondentes em todo o mundo.

CASA FUNDADA EM 1873

11—Largo dos Loyos—14 PORTO

Fabrica de pregos e ferragens para malas

A unica no Paiz que fabrica todos os artigos para confecção de malas de viagem

Fabríco de ferragens e pregos para malas de viágem

PEDIR CATALOGOS E PREÇOS AO DEPOSITO

RUA DE D. PEDRO, 110—2.º **PORTO**

VINHOS

DAS

QUINTAS DO CABO TRANCADA E MATTINHO

EM

Santa Martha de Penaguião (DOURO)

PROPRIEDADES DE **Augusto Anthero de Magalhães**

ENCOMMENDAS:

Recebem-se no Largo dos Loyos, 12

Telephone 584